

O PADRE E O PROFANO

UBIRAJARA ROCHA.

III

Tem-se discorrido e continua-se a discorrer, fluvialmente, a respeito do sacerdote católico e de sua atuação no meio social, mostrando-se a profunda e radical diferença que há entre o que SÃO PAULO chamou de "homem carnal" e "homem espiritual". Isto, evidentemente, não constitui obstáculo ou impedimento para que também nós, com toda a audácia de nossa modestíssima condição de literato sem esperança, venhamos a refletir seriamente acerca de tão elevada matéria.

Diremos, para principiar, que o sacerdote vive modesta e silenciosamente, quase sem se fazer notar. Sua existência é humilde porém eficaz, efficacíssima. Lembra-nos o que disse um grande e sensível pensador da França de grandes homens de sensibilidade e pensamento:

"As vidas eficazes nem sempre são as que mais chamam a atenção. Não é nunca a vida do orgulhoso que se encarna contra os obstáculos sem poder vencê-los. Mas as vidas humildes sob o olhar de Deus, iluminadas por sua graça e irradiantes para os outros, estas sim, são sempre eficazes."

MICHEL QUOIST, "Prières"

A Luz que o padre recebe de Deus ele não a guarda para si mas dá-a a todos que dele se aproximem.

É a fraternidade em pessoa, a compaixão personificada. Ama-nos a todos como a irmãos; "sua mão em nossa mão não é apenas carne sobre carne". Não se esforça para impor-se por um brilho postiço, artificial; a forte atração que exerce é devida à luz de Deus que há nele.

O padre passa toda a vida a mostrar que os homens devem ser mais que amigos uns dos outros pois que todos são irmãos. Amar ao próximo é mandamento de Deus; sem amor ao semelhante não há salvação. Ninguém pode salvar-se sozinho.

ECCE HOMO --- eis o Homem de Deus, imagem do Homem das Dores, descrito por ISAIAS. Homem sem orgulho, singelo, "respeitoso e paciente", que ama e reza no silêncio.

Caminha sozinho na estrada desconhecida. Marcha sem se manchar por entre os "inúmeros e medonhos aleijões do pecado". A fé o ampara, é o seu bordão. É a fé que o ensina a olhar a vida. "Ter fé não é somente erguer os olhos a Deus para contemplá-lo; é também olhar a terra, mas com o olhar de Cristo." MICHEL QUOIST

O sacerdote traz no espírito e no coração toda a angústia do homem. Sua oração silenciosa é "um traço-de-união (um hífen) com o céu".

Sua vida, inteira, "se desdobra sob o olhar de Deus"; vida que, inteira, ele oferece a Deus e aos outros.

Ele sofre e suporta os ultrajes da "gente de coração grosseiro e sujo". Não resiste aos maus, como o fez Cristo. Seus sofrimentos são ignorados por todos, ninguém sabe a dor que ele alberga no mais íntimo de seu ser, a dor que ele curte sozinho, em sua solidão...

Ninguém trata de suas feridas íntimas, ninguém vem curar as chagas ocultas deste "servidor bom e fiel" do Senhor, deste ativo trabalhador da vinha do Senhor.

recebe

O padre ~~quer~~ na alma "o anseio infinito de uma alma que quer viver para além do próprio lodo". Ele "sai de si mesmo para ir ao encontro dos outros" ---; "morre a si mesmo, totalmente, pelos outros". "Crucifica-se pelos outros".

Ele e Deus vivem estreitamente unidos. Oferece-se em sacrifício aos outros; reparte com todos o feixe de dons que recebeu do divino Doador, do Dispensador Eterno.

Cristo está no padre, não num canto de seu coração mas nele inteiro; Deus é como um invasor que ocupa todo o espaço do seu ser, preenche-o integralmente, está em tudo o que ele faz ou diz. É a ~~efe~~

a oferta integral de sua vida, a oferta total de sua existência, a doação completa, absoluta, de seu ser. Entrega-se a Deus, "sem condição, sem reserva". "Sem folga, sem descanso". À ponto de poder dizer, como SÃO PAULO: "Não mais eu vivo mas é Cristo que vive em mim."

Vive o sacerdote sob a fiscalização de Deus, que é "Luz implacável". Luz que tudo devassa, que tudo descobre, que desnuda inteiramente, que nada deixa na sombra.

O padre e a Igreja unem-se íntima e indissociavelmente. Tornam-se uma só e única substância. Terminam sendo um só ser, como o esposo e a esposa. Como estes, "não são dois, mas um só."

O padre ama a Igreja como a si próprio: "sustenta-a, cuida dela", com extremos de solicitude. "É justamente o que Cristo faz pela Igreja."

Guardar segredo da confissão que recebe do crente. É bem duro para uma alma conhecer e carregar segredos --- segredos pesados, graves, terríveis... Segredos cujo peso não é dividido com ninguém. Que permanece oculto como se jazesse no fundo mar. "O fardo pesa muito." O fardo dos outros acabrunha-nos mais que os nossos próprios...

Sempre compassivo, atende ao apelo paulino que manda o cristão "suplantar as fraquezas dos outros". Censura com benevolência, e reza pelo fiel de língua solta; sorri do tagarelar dos cristãos, fazendo juízos. Sabe o que o homem é tagarela por índole, por natureza, de nascença: homo loquax, papagaio, psittacus.

É bom, faz bem à alma merecer o olhar reto, bastante profundo do sacerdote ---: seus olhos "jamais se fecham à miséria dos homens"; seu olhar é "limpo e firme, e sabe se enternecer"; seus olhos "são capazes de chorar".

O olhar do sacerdote é olhar confiante, puro, "desperta pureza". Não suja o que toca, não perturba, não entristece, "não seduz para o cativo", que "censura ~~mas~~ só para encorajar".

Em resumo: no olhar do sacerdote

é Deus quem olha, é Deus quem ~~XXXXXXXX~~
acena...

São os padres, "pescadores de almas", especialmente escolhidos por Deus. "Não fostes vós que me escolhestes, fui eu que vos escolhi e destinei a ir dar frutos -- frutos que permanecem." Evangelho Segundo São JOÃO, XV, 16.

Esta escolha de Deus, é uma honra memorável para qualquer um. É como se Deus dissesse ao escolhido (como no admirável poema para rezar de MICHEL QUOIST):

Não estás só, meu filho,

Estou contigo,

Eu sou tu.

... eu te escolhi.

Eu preciso de ti.

Preciso de tuas mãos para continuar a abençoar,

Preciso de teus lábios para continuar a falar,

Preciso de teu corpo para continuar a sofrer,

Preciso de teu coração para continuar a amar,

Preciso de ti para continuar a salvar,

Fica comigo, meu filho.

(tradução de Lucas Moreira Neves)

Luís-jão DL

O PADRE E O PROFANO

UBIRAJARA ROCHA

IV

O padre é o "homem espiritual", que vive "segundo Deus". O profano é o leigo, o "homem carnal", que vive "segundo o mundo". O primeiro é habitante da Cidade de Deus, da Jersusalém celeste, o segundo é o mundano, o sensual e pecaminoso morador da Cidade terrestre, temporal.

O homem que vive segundo a carne "está imerso nas realidades deste mundo: vive no meio das coisas e dos seres, está unido a outras pessoas", trabalha, pensa e ama de modo terreno, com o pensamento voltado para si mesmo, para o seu próprio progresso material. Já o homem que vive "selon le Dieu" "é chamado a viver no meio das realidades divinas: Cristo está presente no centro deste mundo espiritual e na alma do homem". O homem de Deus é "introduzido na sociedade das Pessoas Divinas", e mais e mais "aperfeiçoa-se em Deus". JEAN MOUROUX, Sens Chrétien de l'Homme.

Por conseguinte, temos duas dimensões a considerar: o Temporal e o Eterno ou o Eterno e o Efêmero. Na verdade, pode o homem respirar simultaneamente nessas duas dimensões, mas a vasta maioria dos seres humanos está numa ou noutra. separadamente.

O temporal, segundo a fórmula tradicional, é o terrestre, é a dimensão mundana; o eterno é o celeste, é o plano do céu. Podemos dizer, também, que o temporal é o humano e o eterno é o divino. Tem-se usado, igualmente, a fórmula para separar o mundo natural do mundo sobrenatural.

É visivelmente inexacto falar-se numa oposição Temporal-Espiritual, porque ela evoca, forçosamente, "as relações do poder eclesiástico e do poder civil, do Sacerdócio e do Império, exatamente como se apresentaram na Idade Média". Zona intermínua de atritos entre o poder do Estado e o poder da Igreja. É impróprio o binómio Temporal-Espiritual, para designar o que é material e o que é imaterial, para mostrar o mundo dos corpos e o mundo dos espíritos.

O sacerdote é nimia e caracteristicamente um vivo, plástico representante do mundo eterno, espiritual, celeste, divino, sobrenatural. Representa o que SÃO PAULO chamou de "o Corpo Místico de Cristo", isto é, a Igreja. A Igreja que, infelizmente, em muitos casos como o da Lei, é posta em confronto com o Estado.

Escreveu o Papa PIO XI: "Os fins do Estado não são apenas corporais e materiais, mas estão por si mesmos contidos dentro das fronteiras do natural, do terrestre, do temporal."

Destarte, a missão da Igreja "estende-se ao Eterno, ao celeste, ao sobrenatural..." Cfr. Doc. Cath. XXVI (1931) 83.

Por outro lado, é muito divulgada a fórmula de LEO XIII:

"Deus dividiu o governo do genero humano entre dois poderes: o poder eclesiástico e o poder civil, aquele encarregado das coisas divinas, e este das coisas humanas." Cfr. Immortale Dei, 1866

nossas

O sacerdote, objeto destas ~~XXXX~~ secundárias ou supérfluas cogitações, é um dos máximos representantes do Cristianismo dentro duma comunidade humana. "O Cristianismo é uma doutrina espiritualista tão distante de todo materialismo como de todo angelismo." Sendo assim, o sacerdote não é um ser angélico, possui um corpo que penosamente deve servir a alma, porque sua tendência é a de resistir ao espirito, ceder às concupiscências.

Luta o padre, dolorosamente, contra os desejos da matéria, contra o continuo desejo do corpo. O corpo é peso e opressão para a alma. Diz a Escritura, em frase famosa e dolorosa: "Corpus quod corrumpitur aggravat animam": o corpo corruptível oprime a alma --- Seb. IX, 15. Segundo SÃO PAULO, o "espirito da carne" tende a apossar-se de nós, a governar-nos. "Por causa do corpo (que luta contra o espirito), do corpo que arrastamos como a um cadáver, somos peregrinos longe do Senhor."

Penosamente luta o sacerdote para deixar de ser como nós outros, pobres criaturas carnaes. A vasta, a imensa maioria dos seres humanos são decaídos, corrompidos, almas escravas do prazer, das paixões ignóbeis:

"Senhor, formaste-os do lodo da terra,
Não estranhes encontrá-los repugnantes,
Decadidos, mesquinhos, astutos e disformes,
Maus por natureza e de vil caráter."

E nem é tudo:

"Tu os plasmaste com este humilde barro,
Não te surpreendas de que sejam vazios e frágeis.
Tu, Senhor, os fizeste de lodo e de misérias,
Não te admires agora se são tão miseráveis."

O padre é feito de outra madeira, de outra substância. Ou, na verdade, como a matéria é espiritualizável, o barro de que foi feito elevou-se ao mundo divino, celeste, sobrenatural.

O sacerdote é um exemplo, uma amostra bem significativa de que o homem, escravo do pecado, pode espiritualizar-se: é a "espiritualização progressiva da carne". A criatura humana, embora miserável prisioneira das concupiscências, pode libertar-se. A pobre criatura humana, se o quiser, pode deixar de ser presa do pecado, da miséria e da morte. Pode redimir-se, tornar-se invulnerável aos impetus da carne, deixar de cair e de atear-se o seu ser. Pode lavar suas manchas, curar as suas feridas, consolar seu misero coração.

O sacerdote conseguiu, com doloroso esforço, conter o desejo do corpo, que, normalmente, é "instrumento de tentação e de pecado". O corpo é "sensível ao prazer e vergonhosamente fraco diante de seus convites". É muito difícil, árduo, dominar os apetites do corpo, seus apetites orgânicos, inferiores; "subjugar a força sempre ativa do desejo". O desejo entrega os membros do corpo à iniquidade, à impureza; purificá-los é difícilíssima empresa.

A CASTIDADE SACERDOTAL. O padre é casto. Pela castidade ele se subtrai à corrupção do velho Adão e ao poder do demônio. Somente a carne pagã é possuída pelo demônio, é presa do pecado e, eo ipso, do poder das trevas.

"A castidade é uma espiritualização do corpo. Doma-o e o

orienta, torna-o sensível e dócil ao espírito, transforma-o em servo da alma e, por meio dela, em servidor de Deus. Em tal sentido ou perspectiva, a castidade é o mais belo sacrifício, porque arrebatava o corpo aos instintos desenfrados que o aviltam." É uma amostra de que "a graça de Cristo liberta da tirania carnal." JEAN MOUROUX, op. cit.

A castidade realiza "o sonho dos antigos cristãos --- dos gregos especialmente --- que se esforçavam em encontrar o corpo subjungido e transfigurado, tal como Deus o havia dado ao primeiro homem", no Adão do Paraíso.

Com efeito, "o corpo não foi criado para viver na libertinagem e na devassidão", para ser dado em pasto à luxúria, "mas para seguir Cristo". O homem casto, livre do demônio libertino, procede santamente. "A castidade é uma homenagem a Cristo, nosso modelo."

A castidade traduz a apathéia dos gregos, era um ideal ^{da} ~~das~~ espiritualidade grega, novo nome para um antigo sonho cristão, de pureza absoluta. Sonho de libertar o espírito da cruel e incessante tentação da carne. Da carne, sempre vencedora do espírito.

A castidade, virtude de luta, "esforço de espiritualização", que o sacerdote realiza, sofredamente. "Para purificar o corpo, é mister resistir, domar, castigá-lo. Trabalho lento, porque tem que atuar sobre a matéria. Trabalho duro, porque a matéria opõe resistência ao seu domínio". "A vontade de ser casto é frequentemente vencida e destruída pela aceitação "do mal que não se quer". Quanto mais se tenta vencer a tentação mais ela se firma, se encarna contra nós. "A virtude se consolida, mas seu estado normal continua sendo a luta: a carne é, ao mesmo tempo, rebelde e vencida." A continência traduz conflito, luta e é experimentada até a morte. A temperança é "uma paz armada, cuja primeira lei é a vigilância evangélica". A castidade deve ser "uma conquista incessantemente renovada", um combate de todas as horas, de todos os momentos. JEAN MOUROUX

Para finalizar:

"Toda a delicadeza da castidade cristã não tem outro objeto senão fazer florescer a imagem de Cristo nos seus membros, tendendo deste modo --- como diz SANTO TOMÁS --- para uma "semelhança celeste".
ser casto é ser semelhante a Cristo.

Não devemos perder a oportunidade que ora se abre neste brevíssimo ensaio para tratar, en passant, da vetusta questão alusiva a JESUS E A TENTACÃO CARNAL.

Cristo, a exemplo de muitas outras criaturas exponenciais, jamais sofreu a prova da tentação da carne, jamais experimentou o pecado carnal. "Cristo nunca conheceu essa tentação porque era o homem perfeito e a perfeição do homem não implica essa atração desordenada para os prazeres dos sentidos; a concupiscência é uma consequência do estado decaído do homem." CHARLES MOELLER, abade, de Lovaina.

O homem comum, ordinário, sem a perfeição de Cristo, é sujeito à "fome devoradora do corpo que deseja cegamente o prazer carnal". O "homem espiritual", definido por SÃO PAULO, ignora essa fome intensa e continua de prazer, necessário à felicidade do corpo. Seres espirituais, como padres, monges, frades, freiras... --- ignoram esses e outros vi-
vissimos deleites.

W. J. J. J. J.

O PADRE E O PROFANO

UBIRAJARA ROCHA

V

Escritos antigos e da hora presente têm conscienciosamente mostrado a enorme importância do papel que o sacerdócio católico tem exercido e continua a exercer no seio da comunidade humana. É assás longa a série de sacerdotes que desempenham sua alta e nobre missão com extremo devotamento. É inegável, é mesmo incontestável que o sacerdócio da Igreja tem-se revelado o humus onde desabrocham e florescem religiosos magníficos, espíritos superiores, belos corações, puras consciências.

A vasta maioria dos sacerdotes católicos são almas de escol, almas de eleição; são magníficos exemplares humanos, homens que não buscam recompensa nem gratidão, cuja existência é uma constante dádiva de si mesmos e sacrifício.

Um grande poeta e pensador contemporâneo deu-nos um perfeito retrato do padre-padre:

"Os militantes são exigentes para com seus sacerdotes. Têm razão. Devem porém saber que é duro ser padre. Aquele que se entregou com toda a generosidade de sua juventude, permanece homem, e cada dia o homem nele procura retomar o que havia entregue. É uma luta contínua para ficar totalmente disponível para o Cristo, para os outros." MICHEL QUOIST, "Prières"

E nem é tudo, consoante a idéia deste pensador de grande sensibilidade:

"O padre não precisa tanto de cumprimentos, homenagens ou prêmios, coisas que vêm estorvar-lhe a missão. Precisa, isto sim, que os cristãos cujo encargo especial ele recebeu, amando cada vez mais seus irmãos, lhe demonstrem que ele não deu a vida em vão. E como ele fica sendo sempre um homem, pode ser que ele precise vez por outra de um gesto dedicado de amizade desinteressada... num domingo de tarde quando ele

está sozinho." op. cit.

Está no Evangelho Segundo SÃO JOÃO (cap. XV, v. 16) que os pregadores da Boa Nova não escolheram o Cristo, mas foi o próprio Cristo que os "escolheu e destinou a ir dar frutos". A estes abnegados "seguidores" do Mestre este chamou de "pescadores de almas". Evangelho Segundo SÃO MARCOS, I, 17.

Esta escolha --- divina, essencial, tão enobrecedora para o escolhido --- deve receber o agradecimento eterno do crente, o qual dirá, comovido, entregue de corpo, alma e coração:

"Obrigado, Senhor, muito obrigado!

Por que eu? Por que é que me escolheste?

Alegria! Alegria! Lágrimas de alegria!"

MICHEL QUOIST

Ao Senhor, decerto, dirá o sacerdote banhado de puríssimo júbilo e gratidão, nas palavras do mesmo poeta-filósofo:

... meus humanos enseios como cêra derretem-se, ao fogo de teu
Amor.

As coisas, que me importa!

Que me importa o bem-estar!

E que me importa a vida!

Nada mais desejo senão a ti.

Bem sei, os outros dizem: "Está louco".

Loucos, Senhor, eles é que ^oestão.

Não te conhecem,

Nada sabem de Deus,

Não sabem que é impossível resistir-lhe.

Mas, a mim, tu me apanhaste, Senhor...

Estás aí, --- e eu exulto.

O sol invade tudo, e minha vida cintila como uma jóia.

Tudo é fácil, tudo é luminoso.

Tudo é puro,

Tudo canta!

(tradução de Lucas Moreira Neves)

Que linda imagem, que soberba e esplêndida metáfora: A vida do ébrio de Deus, do embriagado da divindade é luminosa, "cintila como uma jóia ao sol".

Quisera eu dispor de engenho filosófico para analisar a fundo e emitir juízo amadurecido, para exprimir com vigor estas grandes e belas verdades. Contudo, como disse JEAN MOUROUX: "Não é a inteligência que pensa, é o homem."

Ao sacerdote corre, naturalmente, em razão de sua fé ou das convicções religiosas que arduamente professa, o dever de preocupar-se com os pobres ou com os que nada têm, melhorar a sorte dos humildes, lutar contra as enfermidades, contra o desemprego e a miséria.

Não é exagerado dizer que a vida do padre deve ser, se possível, uma imitatio Christi, uma imitação do Cordeiro de Deus, a exemplo do que fez o "Poverello de Assis", SÃO FRANCISCO. Imitar, pelo menos, o Cristo Paciente, como era voz corrente na Idade Média. Imitar o que sofre e o que consola, "para quem sofre, a dor é um convite à caridade redentora". "Deus não fez o sofrimento, mas Cristo aceitou-o e santificou-o, convertendo-o num meio direto de redenção." O imitador de Cristo "aceita a dor como um convite do Amor que despoja --- Nudus nudum Jesum Sequi --- que consome e aperfeiçoa ao mesmo tempo, que prega à Cruz."

O sacerdote-imitador de Cristo, "contribui por sua parte ao aperfeiçoamento da Igreja, fazendo com que em sua carne resplandeça a paixão salvadora de Cristo". A "imitação do Crucificado" afasta toda miséria do corpo --- peso, tentação, dor ---, conduzindo o ser à sua perfeição.

Ouso afirmar que é impossível existir sacerdote sem amor à Cruz. Amar a cruz é amar o sofrimento. Amar a dor como meio de redenção, de salvação. "Amo a cruz --- dizia o Pe. DE FOUCAULD --- porque Cristo a amou."

O padre, igualmente, deve amar a pobreza, porque Cristo a amou. O próprio Cristo foi pobre. Através da dor do nosso corpo miserável, "a graça e a liberdade nos conduzem à vida eterna." JEAN MOUROUX

Numa palavra, o sacerdote é uma pessoa espiritual, isto é, ~~é uma pessoa que o poder tremendo do dinheiro não alcança.~~ é uma pessoa que o poder tremendo do dinheiro não alcança. O dinheiro é "o único valor absoluto

neste mundo".

O sacerdócio católico exige o devotamento até ao sacrifício. O sacerdote é verdadeiramente um libertador. É um redentor, porque administra um reto ensinamento moral, exprime uma convicção elevadíssima e irradia um testemunho. É um testemunho de Cristo. "Cristo é a Verdade que veio a este mundo para dar testemunho." O sacerdote é um testemunho da Verdade cristã, verdade pela qual é capaz de morrer, de dar a vida.

"O cristão deve dar testemunho. O cristão deve estar orgulhoso de sua fé e lhe é necessário ter "uma fronte que não enrubesce". Deve irradiar a sua fé pela limpidez do olhar e pela convicção da palavra. Deve entregar-se, penar, sofrer e morrer se fôr necessário por Cristo. A perseguição sangrenta e o martirio constituem a prova máxima do testemunho." JEAN MOUROUX

O padre deve ter "fortaleza na fé", "virilidade em Cristo", ser heróico no serviço de Deus, serviço que consome e debilita; aceitar a provação ainda que o corpo sucumba; aceitar a enfermidade com paciência, resignação, esperança. Não tem sido raro, no curso da História, que "a participação dos sofrimentos de Cristo e sob a influência da fé e do amor, tem trazido ao corpo de alguns a marca das Chagas Sagradas, tornando-se, mediante esses estigmas, imagens vivas do Crucificado." JEAN MOUROUX, op. cit.

h-sin-14-12-14

VI

Tem-se versado e continua-se a versar, através de uma rica e abundante torrente de escritos, os diferentes aspectos que assume o sacerdote católico em sua existência privada e social. O ministério sacerdotal situa-se no ~~centro~~^{sistema} nervoso, no centro geográfico da vida da Igreja, constituindo-se em matéria muito rica de significações compactas.

É trabalho dos mais agradáveis discorrer ou disreter amenamente acerca do padre e de sua piedosa missão na vida social e nos mistérios da existência privada. O verdadeiro sacerdote é um imitador da vida de Cristo. A conduta do Senhor Jesus é lei para ele e norma de sua vida (como, aliás, para todo cristão).

Bem perto de Deus vive a alma do piedoso padre. O sacerdote (a exemplo do próprio Jesus) só veio a este mundo para cumprir a vontade do Pai.

Cuida o sacerdote, de modo perene, incansável, para que dele não se apodere qualquer nostalgia do mundo a que renunciou bravemente, desde os longes tempos em que frequentou o seminário.

O padre ama o dever, ama a Deus e aos seus irmãos; não deseja senão a lealdade, a pureza, a justiça, a generosidade. Numa palavra, só deseja o que é bom.

Amor a Deus. "Quem guarda os meus mandamentos e os observa, esse é o que me ama". Evangelho Segundo SÃO JOÃO, XIV, 21

Sua superioridade sobre os demais, a bem dizer, repousa na bondade. "A bondade é a rainha do mundo", disse BERTRAND RUSSELL. "Não reconheço outra superioridade, que não seja a bondade" --- assim falou BEETHOVEN.

A bondade é virtude superior, agradabilíssima ao Espírito Divino. Grangeia as simpatias do Senhor. O verdadeiro padre possui notável pendor para a bondade, abrangendo ela todas as criaturas do Senhor.

A bondade é virtude tão excelente que junto dela todas as outras virtudes perdem a cor. As outras qualidades, todas, empalidecem ao lado da bondade, que tem mais força, mais irradiação que a verdade, a humildade, a própria justiça.

"A bondade desarma, a bondade triunfa onde a autoridade muitas vezes se confessa vencida. A bondade assinala a predominância do coração sobre o espirito." JORGE DEJEAN

Basta-nos lançar um olhar sobre o rosto do padre, de traços serenos e nobres, a denunciar sua grande bondade, sua grande felicidade interior.

Para conservar sua pureza deve, naturalmente, rechegar as constantes investidas e farsas do Pai das Mentiras, usando a mesma coragem dos santos padres antigos, tal como vem descrito nas Vitae Patrum, ou crônicas de antanho sobre a vida dos bem-aventurados anacoretas, dos santos eremitas do deserto tebano.

O sacerdote é perfeito homem de fé e penitência, perfeito devoto de Cristo, levando existência de orações, ações pias, atos de renúncia.

Cioso do governo de si mesmo e do seu livre-arbitrio, repele com éxito e vigor qualquer influência maligna do exterior, tendente a gratificar ou lisongear qualquer mau instinto.

Move-se de intima e profunda piedade pelo pecador, criatura moralmente pestilencial, cheia de frivolidade e que chapinha no horrendo lodaçal deste mundo.

O pecador é o "homem carnal", que existe em opposição mais que diametral ao "homem espiritual".

"O homem entra no grupo dos carnaes ou no dos espirituais, conforme opte para o bem ou para o mal. O seu livre arbitrio não é prisioneiro de uma necessidade, mas se encontra cada vez mais impellido por uma inclinação. Pode, então, ~~preferir~~ preferir seguir a sua concupiscência, seus elementos afetivos e

corporais dominam de tal modo que tendem aprisionar a liberdade num determinismo prático, oprimente e mortal. O contrário disto pode ocorrer, o homem podendo seguir as suas aspirações, os impulsos da afetividade espiritual, as decisões generosas da alma a dominar pouco a pouco a matéria. O homem, em ambos os casos, escolhe, segue a sua eleição e constrói as tendências, incluindo-se numa ou noutra destas categorias de homens: os carnaís e os espirituais." JEAN MOUROUX, Prières

Tanto os "carnais" como os "espirituais" realizem-se nas opções que fizeram: para o mal e para o bem. "Respeitam, desenvolvem e fortalecem o complexo concreto de que tiram origem. O avarento, o libertino, o ambicioso --- GRANDET, DON JUAN, CÉSAR --- enquanto que aderem à sua concupiscência; o sábio, o generoso, o herói, enquanto se entregam à sua aspiração, não fazem mais que ratificar uma decisão tomada e escolhem o seu objeto e o seu fim." JEAN MOUROUX, op. cit.

A vida do homem espiritual, tal como o é o padre, é uma vida toda de virtudes e sacrifício. Vida que nega a falsa piedade, a devoção inútil, a fé religiosa apenas aparente --- quer dizer, a fé dos tartufos. O sacerdote "exercita-se em distinguir os que crêem no mais profundo de suas almas, e os que só têm por preocupação estadear uma devoção exemplar, sem se tornar melhores. São Tartufos, gente possuída pelo vício da hipocrisia, tão severamente punida por Deus."

O padre é um bálsamo para os tormentos inúmeros que torturam a humanidade. É um alívio para os prantos, os gemidos que afligem o mundo.

O sacerdote cura o cepticismo dos vencidos. Sua bondade não se desmente nunca, mesmo em meio às mais cruciantes vicissitudes da existência, às mais cruéis adversidades da vida. "Ninguém sabe melhor do que ele dar um conselho, consolar uma amargura, prestar um serviço."

O sacerdote não se deixa cegar pelo orgulho, pela cupidez, pela ambição. A soberba cega e perturba a razão, a inteligência, o critério. A vaidade obscurece a clareza, a lógica, o raciocínio. Aparta-se o padre das "especulações ousadas da inteligência que tem por guia o orgulho." Um dos piores males da inteligência "está em habituar o homem à idéia de que a fé, nos humildes, é ingênua, que repousa

exclusivamente na ignorância e não resiste às críticas da razão."

É próprio, também, de certa inteligência criar a Dúvida, fruto muita vez dos individualistas ferozes. A dúvida é maquiavélica.

Trabalha o sacerdote com os verdadeiros ensinamentos religiosos, que satisfazem o coração e a razão humana, consolam as almas aflitas, presas do desespero.

O sacerdote é homem de coração e de razão, homem que profliga o mal, que felicita-nos quando praticamos algum ato generoso. Homem piedoso, que enxuga a "pupila marejada do aflito".

Dele ~~vem~~ vem a consolação que nos abrande o tormento. Ele é o compassivo amigo do infeliz, é o consolador do aflito e que satisfaz a "invencível necessidade que empolga o desgraçado: a de se confiar a alguém".

"A esperança de um amanhã melhor sustenta o misero e depressa lhe suaviza a dor." JORGE DEJEAN

O sacerdote, sem dúvida o melhor dos nossos amigos... Um anjo do Senhor certamente acompanha de perto e sem ser visto este santo homem, e, quando chegar a sua derradeira hora neste mundo, "receberá sua alma e, louvado seja Deus, leva-la-á, finalmente libertada, para o Céu."

Luiz-José 12m

VII

Pode dizer-se que é rica a bibliografia existente em torno do sacerdócio católico, pondo em evidência seu imenso e extraordinário papel na evolução espiritual das criaturas e das sociedades humanas. Sua história é bela, importante, significativa, muito atraente, sugestiva, interessante, posto que traduz a própria história da Igreja.

A pessoa do sacerdote é sagrada, sua espiritualidade é profunda, é um reflexo do próprio pensamento de Deus; ele é exatamente o oposto, o antípoda da ^{massa} ~~matéria~~ ordinária ou vulgar dos seres humanos, que vegetam sem luz, sem espírito e inteiramente à mercê de todas as impulsividades instintuais.

O padre tem sob seu completo e absoluto domínio todos os apetites orgânicos, todas as inclinações ou tendências inferiores da matéria, do corpo. Ele leva uma existência santa de prática religiosa, mantém em santa ordem sua disciplinada vida. Constantemente fortifica seu coração para não ceder às vãs seduções do mundo.

O padre, bem como nós outros, somos os artifices de nós mesmos. Plasmemo-nos.

Esta idéia exige desenvolvimento ou, pelo menos, breve e rápida demonstração.

Quem observa, estuda, reflete logo deduz, infere, sem detença, que o homem elabora-se a si mesmo. "Um poder de auto-realização caracteriza a pessoa humana". É um poder de construir-se, criar-se a si mesmo, engendrar-se segundo a sua própria vontade." Isto o homem, a pessoa faz porque é livre. "Ser livre é ser senhor de seu juízo: libere judicare." A pessoa, "a criatura livre é a capaz de participar do governo divino do mundo." Juntamente com Deus, como sua colaboradora, governa o mundo; sendo assim livre, "os seus atos espirituais têm um valor eterno." JEAN MOUROUX

Tudo isto pode ser assim dito, filosoficamente:

"Não é o mundo dos vivos, mas o das pessoas, que constitui o lugar próprio, admirável e trágico, da evolução criadora. Pois o homem é, por definição, o ser capaz de se gerar a si mesmo segundo a sua própria vontade, capaz de vir a ser ~~senhor~~ senhor de si na afirmação ou na negação, até o momento em que tenha alcançado a sua face eterna. E, afinal, "tal qual o elabora a sua própria liberdade". JEAN MOUROU, Sens Chrétien de l'Homme

Muito antes já houvera dito um santo padre da Igreja: "Cada um de nós nasce por sua própria eleição... Somos, de certo modo, os nossos próprios pais, pois damos a nós a vida tal qual a queremos." SÃO GREGÓRIO DE NISSA, Vita Moysis, P.G. XLIV, 327 b.

Daremos agora, com permissão do leitor, um novo giro em nossa esfera de observações. Isto assim feito, diremos, de comêço, que o padre, por ser cristão perfeito, é o servo de todos. Não existe para ser servido mas para servir. É, na expressão do termo, uma alma devorada pela paixão do serviço.

Consome-se o sacerdote a "servir os seres necessitados, miseráveis e fracos; é o sacrifício da vida, consumida dia a dia, ou entregue de uma só vez na renúncia, na humildade, na fadiga, nas lágrimas, no sangue, à semelhança de Cristo. Por isso, suporta e perdoa, cura as feridas, consola as almas, fazendo alegremente os mais humildes serviços. --- Deveis também levar-vos os pés um aos outros --- SÃO JOÃO, XIII, 15 --- , deixa de julgar a seus irmãos, renuncia à liberdade na sua conduta se há de escandalizar o mais pequeno dentre eles, renuncia à alegria próxima de ver Deus, se é necessário servir ainda. Sendo livre me fiz servo de todos --- SÃO PAULO, I Coríntios, IX, 19. Servo de todos, exatamente como o foi o próprio Cristo. Todos os santos dão este testemunho." JEAN MOUROUX, op. cit.

Servir a todos foi o que fez SÃO PAULO, foi o que fez SÃO PEDRO CLAVER, que, "após doze anos de vida penosa a serviço dos negros, escrevia esta fórmula de seus votos: Pedro, escravo perpétuo de todos

os escravos negros. A todos, também, serviu o PADRE DAMIÃO, "que assim escrevia nos primeiros meses de sua chegada a Molokai: Eu me fiz leproso com os leprosos para ganhá-los todos a Jesus Cristo. Por isso quando prego tenho o costume de dizer: Nós, os leprosos..." JEAN MOURoux, op. cit., e Vida do Padre Damião, escrita pelo Pe. TAUVEL, Bruges, 1890, p. 93

O padre, carregando em si o sentimento da caridade perfeita, deve amar toda a espécie humana pecadora e miserável, "amar os homens como eles são", isto é, amar a sua realidade profunda e pessoal. Vale isto dizer, não só amar o justo, o generoso, o santo, mas ainda o faminto, o mendigo, o doente, o prisioneiro que são outras tantas imagens de Cristo. Tudo o que se faz ao menor dentre eles, se faz a Cristo. SÃO MATEUS, XXV, 35, 46.

"No Cristianismo, amor de Deus significa necessariamente amor do próximo." O segundo mandamento, instituído por Cristo é: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo". Este mandamento é absolutamente novo e criado por Cristo; o próprio Cristo foi seu modelo. "Mandamento em que a Lei encontra a sua perfeição." O Novo Testamento põe na melhor evidência o amor fraterno, que deve unir, universalmente, todas as criaturas. "O amor ao próximo é ato de obediência essencial rigorosa e sem reserva." Como o dever, ordena absolutamente e sem condição.

Exemplo perfeito de amor ao próximo é a própria vida de Cristo, de todos os santos da Igreja, cerca de vinte mil santos. Amor silencioso e profundo, sem alarde, desconhecido do mundo, como foi o caso de Padre INÁCIO d'ISPREE, da Ordem dos Capuchinhos. Servia ele no leprosário de Canafistula, Estado de Pernambuco. Levou vida sublimemente heróica, vida de autêntico mártir. "Desde 1910, sem interrupção, salvo uma pequena estada em Milão, no ano de 1923, aonde fora a chamado de seus superiores, o Padre INÁCIO d'ISPREE cuidava dos leprosos, pensando-lhes as chagas do corpo e da alma. Por fim, contraiu a horrorosa moléstia. Nunca dos lábios uma queixa lhe saiu e, quando o mal inexorável lhe vencia a carne, sua magnífica alma continuava a orar pelos desgraçados, nos quais pensou até ao derradeiro alento." JORGE DEJEAN

O SERVIÇO DE DEUS É ARDUO.

"O serviço de Deus exige o sacrifício de todos os nossos egoísmos e nossas recusas, tanto no domínio da carne --- se a mãe te escandaliza, corta-a (MATEUS, V, 29) --- como no do espírito --- quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim (MATEUS, X, 37) e na existência cotidiana com os seus encargos --- quem quiser vir após mim, carregue cada a sua Cruz, e siga-me (LUCAS, IX, 23) ---."

Ainda mais:

O serviço de Deus "reclama também que se consumam, se arrisquem e se utilizem todas as energias e a vida em favor dos irmãos, precisamente como o próprio Cristo o fez. "Nisto conhecemos o amor de Deus: em que Cristo deu ^{a sua} ~~xxxxix~~ vida por nós; também nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos." Primeira Carta de SÃO JOÃO, III, 16.

Servir a Deus é procurar imitar o Cristo, é a comunhão com a sua vida. Sentir viva alegria neste serviço, dar a vida ao próximo jubilosamente, sem esperar gratidão ou recompensa. Ir alegremente para o martírio, até cantar no ~~mim~~ meio das dores e tribulações, tal como fizeram PAULO, INÁCIO DE ANTIOQUIA, FRANCISCO DE ASSIS...

O grande sinal do sacerdote é a sua caridade fraterna para com todos os seres humanos, sem exceção de um só. Ele a todos ajuda, perdoa, ama, em caridade desinteressada. A todos ama com amor gratuito, como o próprio faz em relação a todos nós.

O padre não vive para si, mas para Deus, para os outros.

mu - in - pa - id d

VIII

Nestes dias tenho-me comprazido em preencher meus humildes ócios em estudar e refletir a respeito do sagrado e penoso exercício do ministério sacerdotal, quiçá a parte mais nobre de toda a atividade da Igreja Católica. Benfazejo é o vigário que incute fé aos seus paroquianos, que a todos ampara, que a tantos salva em angustiosos transe. O pároco combate o mal, malgrado não desconhecer que "o Mal é inextinguível e tem um lugar vitorioso no mundo".

Indubitável, perene, ~~reconhecida~~ conhecida por todos, quase sem exceção, é a dignidade da condição eclesiástica.

Os padres são, em maciça maioria, ou contemplativos, propensos à ascese, sempre mergulhados em silenciosas meditações acerca do Infinito, ou são ativos, eficazes, práticos, musculares, entregues ao apostolado, à Ação Católica.

Os padres ativos, operosos representam, condignamente, o que se tem chamado de "Cristo social", defensor dos pobres e da justiça na economia política, na sociedade.

As teses católicas e cristãs que o sacerdote prega e defende mostra-o como sendo uma personalidade de vontade forte, firme. Não é um pregador teórico e omissor, um brilhante palrador, um tagarela cintilante, dizendo verdades do alto do púlpito sem vir cá fora, na palpitante realidade do mundo. Não será um legítimo padre, se for uma alma passiva, inerte, semi-consciente.

Fala o padre como só os prudens, os sábios falam.

O sacerdote enfrenta, com brio e coragem, os duvidadores levianos das verdades essenciais da vida, do destino. Contra ele nada podem os céticos pertinazes, os ímpios obstinados. Estes são vencidos pelos ensinamentos salvadores da verdadeira religião --- religião que inspirou a doutrina de humildade e renúncia do santo da Umbria, do di-toso Poverello de Assis, SÃO FRANCISCO.

São preciosos e multiplices os deveres do sacerdote católico. Bem difficil ou até impossivel será resumi-los todos num simples artigo de jornal. Apenas tentativamente procuraremos, aqui, dar uma pálida idéa desse importante complexo de deveres individuais e sociais.

Principiaremos por citar MICHEL QUOIST, autor ^{gaules} ~~francês~~ de páginas notáveis --- densas, poderosas, belas: O cristão e, acima de todos o padre, devem lutar contra o caos do mundo. "Se com todas as forças, no lugar onde o Pai nos colocou, nós não lutamos contra o mundo em desordem, então não somos verdadeiros cristãos, não amamos a Deus."

"Onde o Pai nos colocou, aí devemos viver e lutar para que se realize seu Reino de justiça e de amor. Não é uma conduta facultativa, mas o próprio rumo de nossa vida cristã."

Cada um de nós deve estar em seu lugar, cada fiel deve estar bem no seu lugar, como faz o sacerdote, a fim de "combater o bom combate", o combate do amor e da justiça. Lutar contra o trabalho esmagador, o trabalho humilhante, o desemprego, a crise. O cristão não pode "viver sem lutar com todas as suas forças, no lugar que é seu, por um mundo mais justo."

"Se amamos nossos irmãos, encontraremos sempre um meio, no lugar onde estamos, de fazer alguma coisa por ele."

A ninguém assiste o direito de ver um irmão ou irmã nus, ou sem alimento cotidiano, sem fazer nada por eles.

O cristão enfrenta a situação trágica do mundo. É preciso pensar em mudar sistemas económicos injustos, que levam ao roubo, à fraude, à mentira. É necessário lutar para transformar estruturas humanas iníquas. "Nada há que possa dispensar dessa luta o cristão."

O mundo é um palco onde pobres e ricos lutam entre si como formigas vorazes.

O trabalho não deve ser amaldiçoado, pois é uma bênção de Deus. O trabalho não é um castigo, uma punição mas "um serviço que os homens prestam uns aos outros." Todavia, para nossa infelicidade, "o campo de trabalho na terra ~~inacreditável~~ tornou-se muitas e muitas vezes um triste arraial de prisioneiros no qual alguns utilizam para proveito próprio o trabalho forçado de muitos outros. Este tipo de escravidão deve ser sacudido, não por ódio, mas por amor." MICHEL QUOIST

É inacreditável que nesta terra "irmãos se matam uns aos outros para ganhar a vida." Irmãos se entrematam para sobreviver. A sobrevivência é apenas para sofrer e morrer.

"Os homens egoístas reduziram seus irmãos à escravidão." MICHEL QUOIST

A fraternidade pregada pelo Cristo ausenta-se mais e mais deste mundo. Por toda a parte ouvimos "o grito longo de revolta dos homens, escravos do trabalho". Homens muitas vezes iludidos em seus conflitos, sem dons generosos para resolvê-los.

O CRISTÃO É JUSTO EM SEU COMBATE.

Escutem, por favor, este libelo:

"Os homens construíram prisões para os homens --- não somente prisões de pedras, mas também prisões invisíveis, mais apertadas que as primeiras. Com efeito, em redor de nós os homens estão emparedados em estruturas sociais, econômicas e políticas que os reduzem à escravidão. O peso em cima deles, destas estruturas desumanas, atinge não apenas sua liberdade exterior, mas, pior ainda, a interior. Para poderem comer, para conseguirem viver, são obrigados, muitíssimas vezes, a deixar que se acorrente sua "pessoa". Ora, qualquer atentado à liberdade do homem é um insulto a Deus. O cristão tem o dever de combater para libertar o homem. É uma posição essencial a seu cristianismo." MICHEL QUOIST

"Pela caridade, ponde-vos a servir-vos uns aos outros" --- disse o apóstolo PAULO em carta aos cristãos da Galácia --- V,13.

Por toda a parte o homem constrói prisões para o homem.

Prisões materiais e prisões impropriamente ditas, como "as que recebem uma porção de nomes arrajanjados, para ficar melhor, para dar uma ilusão --- prisões que se chamam favela, cidade, fábrica, bordel." Prisões que também se mascaram sob os rótulos de regime político, sistema econômico, sociedade anônima, contrato, lei, regulamento, prisões que recebem tantos outros nomes, em todos os países e em todos os tempos." MICHEL QUOIST

Todas essas prisões foram edificadas pelo egoísmo, orgulho, avareza.

"Uma parte da Humanidade, Senhor, aprisionou a outra parte." MICHEL QUOIST

Em nosso século e nos séculos seguintes a Igreja deve estar atenta para não perder o operariado, como ocorreu na passada centúria.

Não perder de vista as relações, sempre tensas, delicadas, entre ricos e pobres. Os pobres, disse JESUS CRISTO, sempre os haveremos de ter entre nós --- Evangelho de SÃO LUCAS, VI, 20. o mesmo em SÃO JOÃO, XII, 8.

Quanto aos ricos diz SÃO LUCAS: "Ai de vós, ricos! porque já tendes a vossa consolação. Os que estão fartos, terão fome. Os que agora riem, chorarão e se lamentarão. . Os que só foram elogiados, serão demeritados." VI, 24

Contudo, cumpre atenuar os malefícios causados pelos ricos desumanos, já desde este mundo. Diminuir as mazelas provocadas pelos que vivem molemente, docemente (a "dolce vita", referida na Epistola de SÃO TIAGO, V, 5.) Vivem deleitosamente também os despreocupados, os negligentes, os egoístas que, "bem abrigados na Terra, esqueceram os outros". Para estes, "não haverá lugar na casa do Pai."

"O escólio da riqueza (seu grande mal) está em acostumar o homem à idéia de que tudo lhe é devido, de que a vida não lhe poderia ser brutal, de que todas as coisas se podem adquirir e de que a pobreza é um vício." JORGE DEJEAN

Dejean 2d

O PADRE E O PROFANO

UBIRAJARA ROCHA

IX

Da vida e da atuação do sacerdote católico em todos os campos e setores da atividade humana tem-se tratado de modo incansável e com muita proficiência, com muito discernimento e competência, tanto por escritores religiosos ou teólogos como ^{por} ~~autores~~ autores leigos ou profanos. Isto, contudo, certamente não impede que nós, com toda a nossa falta de auto-versemos-lo nosso ridade no assunto, ~~verse-o a~~ ~~em~~ modo e feitio, com nossas parcas e esmaecidas luzes.

Principiaremos por dizer que os graves ensinamentos do sacerdote são para todos ^{nós} ~~fontes~~ fontes de paz e de serenidade neste ^{hediondo} ~~mundxxx~~ mundo, neste mundo tenebrosamente execrável em que vivemos.

Encontramos nos templos, nas nossas igrejas, nas "casas de oração" existentes em todas as nossas comunidades, verdadeiros oásis de paz, de consolo, de alívio às nossas almas amarguradas, aflitas. Não sejamos mais pessimistas que o necessário, mas quem não vê que o mundo está prestes a enlouquecer? A humanidade vive hoje em desespero; ela está, quase toda, em poder do Diabo. O mundo, quase todo, já pertence ao príncipe das trevas. Ou, como disse um personagem do fabulário de um grande escritor contemporâneo:

"O mundo, meus senhores, que já é hoje, em boa parte, propriedade do Diabo, pertencer-lhe-á totalmente dentro de um certo prazo de tempo e formará uma nova província do Inferno. O mundo é uma futura província terrestre do Diabo." HERMANN HESSE, "O Livro das Fábulas", publicado em 1954

A vida do sacerdote é toda feita de abnegação, renúncia, sacrifício. É uma vida, também, ninbada de seriedade, visto que de há muito conseguiu banir inteiramente de seu cérebro e de seu coração os

pensamentos levianos da mocidade, malgrado seja preciso dizer que o demônio nunca se esquece de tentá-lo de novo. Tenta-o sempre, embora seja sempre rechaçado, com as próprias palavras do Cristo: Vade retro, Satana! "Arreda-te de mim, Satanás!"

Segue, obedece o sacerdote a pura lei da fraternidade cristã, lei que manda amar o próximo sem cálculo, egoísmo ou interesse mas por por generosidade de alma e puro amor fraterno. Um tal amor, somente ele, é o genuíno cristianismo. Está claro, no entanto, que os raciocínios humanos comuns, ordinários jamais levarão a perceber a sublimidade, a divinal beleza de um tal amor.

Tudo que o padre faz é para redimir-se de suas supostas faltas e mormente para honra e glória de Deus Nosso Senhor. "Ora et labora" como SÃO BENTO, e ajuda prazeroso os pobres, os mais necessitados e doentes, os aflitos, os feridos de corpo e alma. os esmagados pela injustiça social.

O padre, para ser padre, deve renunciar-se a si mesmo --- negar-se a si mesmo, viver absolutamente fora da eguidade comum e universal, estar infinitamente longe do amor de si.

O padre há-de estar completamente isento dos males e vícios oriundos dos quatro elementos ou propriedades constitutivas do Inferno, a saber: orgulho, inveja, cobiça e cólera.

Seu coração, como o coração de todo o cristão, deve ser honesto e bom. Deve sobretudo, ouvir as palavras de JESUS: "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me." Evangelho de SÃO LUCAS, IX, 23.

O cristão vive longe do Egoísmo. O Egoísmo é o princípio e o fim do sofrimento, o alfa e o ômega da dor, fons et origo de todo o mal.

"Aqui no mundo, cada vez que nos amamos a nós próprios (egoísmo) malbaratamos um pouco nosso destino e o destino do Mundo. Há dois amores somente, nosso amor próprio e o amor de Deus e dos outros."

MICHEL QUOIST, Prêtres

Entre entre esses dois amores o cristão faz a sua opção: o amor de Deus e dos outros. "Ninguém pode servir a dois senhores: ou

há-de odiar a um e amar o outro, ou se apegará a um e menosprezará o outro." Evangelho Segundo SÃO MATEUS, VI, 24.

Pode ser lido na Primeira Carta de JOÃO: "Quem ama seu irmão permanece na luz e não há nele motivo algum de queda. Mas quem odeia o irmão está nas trevas, nas trevas caminha, não sabe onde vai porque as trevas cegaram-lhe os olhos." I Ep. II, 10:11.

MICHEL QUOIST, poeta-filósofo ou filósofo-poeta, como queiram, escreveu estas formosas, densas, inesquecíveis sentenças:

Há dois amores, somente, Senhor,

O amor de mim mesmo

E o amor de ti e dos outros.

E cada vez que me amo, é um pouco menos de amor por ti e pe-
los outros.

É um vazamento de amor,

Uma perda de amor,

Pois o amor foi feito para sair de mim e voar para os outros;

Cada vez que ele volta a mim, se estiola, apodrece e morre.

O amor de mim, Senhor, é um veneno que absorvo cada dia.

O amor de mim escolhe a melhor parte e guarda o melhor lugar.

O amor de mim fala de mim --- e faz-me surdo à palavra do outro

O amor de mim afaga os meus sentidos --- e rouba o alimento
à mesa dos outros.

O amor de mim prega minhas idóias --- e despreza a dos outros.

O amor de mim considera-me virtuoso, chama-me homem de bem.

O amor de mim convida-me a ganhar dinheiro, a gastá-lo para
meu prazer, a entesourá-lo para meu futuro.

O amor de mim aconselha-me a dar aos pobres para adormecer
minha consciência e viver em paz.

O amor de mim calça-me aos pés chinelos bem macios, assenta-
me em poltrona confortável.

O amor de mim está contente comigo, adormece-me docemente.

O que é mais grave, Senhor, é que O AMOR DE MIM É UM AMOR
ROUBADO.

Era destinado aos outros, alguém precisava dele para viver,
para se desabrochar --- e eu o desviei.
Assim o amor de mim faz o tormento humano,
Assim o amor dos homens a si mesmos faz a miséria humana,
Todas as misérias humanas,
Todos os sofrimentos humanos.

(tradução de Lucas Moreira Neves)

O egoísmo gera, é a mãe, a matriz de

"Todas as injustiças, as amarguras, as humilhações, as mágoas,
os ódios, os desesperos." Tudo isso traduz "fome insatisfeita, fome de
amor."

"Assim construíram os homens, lentamente, egoísmo por egois-
mo, ~~maxxerixmax~~ um mundo desnaturado que esmaga os homens. Assim os ho-
mens na terra passam o tempo a se devorar com seus amores machucados,
enquanto em torno deles os outros morrem de fome, estendendo-lhes os
braços." MICHEL QUOIST, op. cit.

O amor ao próximo é amor salvador, amor redentor. Sacrificar-se pelo outro, não viver deliciosamente, nem se deleitar com nada, consoante o ensino de SÃO TIAGO, em sua Carta, V,5. Cuidar do irmão, e não preocupar-se em "comer, beber, comprar, vender, plantar, edificar, como nos dias de LOT". Ver Evangelho de SÃO LUCAS, XVII, 28. Não é exatamente um cristão quem passa os dias e as noites a comer e beber com companheiros, a viver em alegria irresponsável, em cantos e risos, a só se deitar exaustos de festas ou embriagados, vítimas da gula ou da luxúria, tudo consumindo em vícios perdulários, gozando a boa vida e com pouco trabalho.

Ainda de MICHEL QUOIST:

"Aquele que começou a dar-se aos outros está salvo. Acolhendo o próximo, a Deus é que estará acolhendo e assim se liberta de si mesmo. Nosso inimigo mais fatal somos nós mesmos. Humanamente, fazemo-nos sofrer e sobrenaturalmente, barramos a entrada de Deus."

O verdadeiro cristão não pode viver despreocupadamente, de modo negligente, com indiferença, quando há tanto sofrimento pelo mundo

afora, tanta fome, tanto apelo ou pedido de socorro...

O amor de Deus chama-nos...:

"Senhor, estava tão tranquilo em minha casa, tinha-me organi-
zado, já me achava instalado.

Meu lar mobiliado, e lá dentro sentia-me tão bem,

Sozinho, estava de acordo comigo mesmo.

Ao abrigo do vento, e da chuva, e da lama.

Puro teria ficado, na minha torre encerrado.

Mas na minha fortaleza descobriste, Senhor, uma brecha,

Obrigaste-me a entreabrir a porta,

Como uma rajada de chuva em pleno rosto, o clamor dos homens
despertou-me!"

O sofrimento humano inquieta, sacode --- ninguém permanece na
"turris eburnea" do indiferentismo quando vê "mãos que se estendem, olhar
que se estende, alma que se estende, a esmolar, como mendigo à porta das
igrejas!"

Os pobres, os miseráveis são numerosos, oh! tão numerosos...
Invadem tudo, estão por toda a parte. Entram sem anunciar, sem pedir
licença. Surgem de todos os cantos, um empurrando o outro, apertados
entre si. São "infâmicos, indigestíveis". Não vivem isolados, mas em gru-
pos. São coletivos, misturados uns aos outros, "soldados como ^{pedaços} ~~pedaços~~
de humanidade". Acompanham-se de pesadas bagagens: "bagagens de injus-
tiça, bagagens de rancor, e de ódio, bagagens de sofrimento e de pecá-
do". E nem é tudo: "Atravancam tudo, invadem tudo. Têm fome demais,
devoram tudo, devoram..."

Estes pobres, estes miseráveis são os cidadãos do Céu, são
o "povo de Deus"...

Justiça - 12.18

X

Com toda a franqueza, ignoramos qual o qualificativo que deve receber esta nossa insistência ou pertinácia em escrever a respeito do sacerdócio católico, o ungido de Deus, o ser que veio ao mundo especialmente designado por Deus para transmitir a sublime mensagem evangélica, a divina doutrina do Salvador do Mundo.

Ungido do Senhor... Não é outra coisa o sacerdote, o "servo de Deus", o mais útil trabalhador da Vinha divina.

Convenhamos: não é o sacerdote que escolhe o sacerdócio. É o sacerdócio que o escolhe.

A escolha do serviço de Deus não depende da vontade do padre; não está no livre arbitrio deste escolher uma ou outra direção na vida. Não é assim. A vocação sacerdotal é um imperativo divino, é uma imposição do Alto. Sublime coação, esta!

Não compete ao escolhido optar pelo rumo a tomar na existência. Contudo, o padre luta bravamente, corajoso e virilmente contra a superstição, monstro horrendo, espécie de Minotauro; luta com denodo contra o obscurantismo não por coação, não com sofrimento mas livremente, por gosto, por decisão da própria vontade.

Ao redor do padre forma-se uma atmosfera de tranquilidade, de calma, de serenidade; tudo ^{que o} ~~lutar~~ circunda torna-se belo, puro, repousante, respirando suave e luminosa alegria. A ele acorrem os infelizes, os torturados; procuram-no os atormentados, os pobres de coração aflito, em busca de alívio ou refrigério para suas angústias.

O padre é um homem lúcido, forte e livre, um homem sensato que, exatamente como o faz todo cristão genuíno, autêntico, ampara e consola os que choram, os que muito se lamentam sem encontrar alívio.

Todo verdadeiro padre preocupa-se antes em consolar ou amenizar do que em proferir inteligentes palavras.

Sua intenção mais íntima é a de suavizar, dar lenitivo e não agradar ninguém, ser sempre acolhido com simpatia e louvor. Ele veio ao mundo para servir e não ^{para} ser servido, exatamente como aconteceu com o próprio Cristo, seu eterno modelo, modelo sempiterno de todos os cristãos.

A missão do sacerdote é a de minorar o profundo sofrimento do mundo. Grande é a quota de miséria, de aflicção e infortúnio que pesa sobre o mundo dos homens.

São de inteira ^{candura} ~~pureza~~ as emoções que transparecem no rosto puro do jovem padre. São de grande elevação as idéias que perpassam no semblante grave e concentrado do maduro ou idoso padre.

O austero sacerdote, o jovem padre, ambos de mente nobre e pensativa, são adversários naturais do egoísta irresponsável, do que goza a pretendida e deliciosa felicidade de viver no paraíso da falta de responsabilidade.

O egoísta, eis o inimigo mortal da religião, da fé. O egoísta é semelhante a "um ouriço do mar, fechado e enigmático". É maldição ser seu amigo, ter de picar-se nos seus espinhos.

No entanto — devemos confessá-lo, sinceramente — é extremamente duro ser padre, é assás espinhoso ser sacerdote. Os deveres, bastante numerosos, do sacerdócio católico não se catalogam entre as "molezas" da existência.

A propósito escreveu um estimado Poeta contemporâneo, que é também filósofo e pensador e cujo nome, universalmente conhecido, é MICHEL QUOIST:

"O Evangelho anunciado com toda a sua pureza entusiasma, aterroriza ou escandaliza. Deve provocar reações violentas, pois é diametralmente oposto ao homem pecador e ao "Mundo". Cada vez que um homem é tocado pelo Evangelho, se é leal, sua vida toda inteira é posta em questão, pois a exigência do Cristo não suporta meias-medidas."

O padre, bem visto está, por ser o primeiro e mais fervoroso dos cristãos, dos seguidores do divino Mestre, está mais do que todos exposto às calúnias, injúrias, ofensas, difamação. Mas esta situação foi prevista e delineada pelos Evangelhos. Assim:

"Felizes sois se vos insultam, se vos perseguem, se vos caluniam de todas as maneiras por causa de mim. Enchei-vos de alegria, rejubilai-vos, pois grande será vossa recompensa nos céus." Evangelho de SÃO MATEUS, V, 11:12.

E nem é tudo:

"Se o mundo vos tem ódio, sabeis que antes de vós a mim me odiou. Se fosseis do mundo, o mundo amaria o bem que lhe pertence. Não sois do mundo, porém; minha escolha vos tirou do mundo --- por isso o mundo vos odeia. Recordai a palavra que vos disse: o servo não é maior que seu Senhor. Se me perseguiram, a vós também haverão de perseguir." Evangelho Segundo SÃO JOÃO, XV, 18:20.

O Evangelho de JESUS é terrível, "bem difícil é vivê-lo", como sabem todos os que são francos, leais e sinceros. Já KIERKEGAARD dissera que "o Cristianismo do Novo Testamento não existe", querendo, naturalmente significar com esta enigmática frase que a vivência do cristianismo é humana ou praticamente impossível de ser realizada.

É duríssimo ser cristão, máxime para os que estão "satisfeitos com sua vidina honesta", os que "tomam seus bons hábitos por virtude."

O cristão deve entrar pela "porta estreita", andar pelo caminho estreito, áspero, difícil. "Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos aborrecem; bendizeis os que vos maldizem, e orai pelos que vos caluniam. Ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra: e ao que te houver tirado a capa, nem a túnica recuses; e dá a qualquer que te pedir; e, ao que te tomar o que é teu, não tornes a pedi-lo." Evangelho Segundo SÃO LUCAS, VI, 27:30.

Quantas vezes o faltoso deve ser perdoado? "Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdooarei? Até sete?"

Jesus disse: Não digo: Até sete, mas, até setenta vezes sete vezes."

Evangelho de SÃO MATEUS, XVIII, 21.

O cristianismo é realmente uma "pedreira", como se diz na saborosa e pitoresca linguagem do povo. O egoísmo, negro escorpião a picar-se a si mesmo, impede ao homem ser cristão. O egoísta é uma infeliz vítima de si próprio, um desgraçado, "um condenado a amar apenas a si mesmo." Esta é, na verdade, uma "experiência do inferno". O Inferno é o lugar onde ninguém ama, onde todos são condenados a viver sem amor. Dizer Inferno é o mesmo que dizer "ausência de amor".

O egoísta, assim, é "um algoz de si próprio". Ele "sofre de modo atroz, encarcerado em si mesmo, prisioneiro em si mesmo, só ouvindo a sua voz, só enxergando a si próprio." Nele só o sofrimento existe. Seu corpo é pura fome; e tudo o que ele toca com seus grandes olhos ^{estendidas,} incontáveis, com suas mil mãos ~~erixadas~~ crispadas, é sempre para se apossar e tentar acalmar seu apetite insaciável." O egoísta está cheio de si mesmo, de suas ideias, de seus julgamentos. ATRAVES DO OUTRO, É ^{misera} AINDA A SI PRÓPRIO QUE AMA. Revira-se em sua ~~miséria~~ pele como num leito de doente do qual quisesse escapar". "Não consegue libertar-se, gosta de sua prisão ao mesmo tempo que a odeia. Ele próprio é sua prisão, e se ama, — ama-se, e tem náuseas de si mesmo." Quer vomitar-se a si mesmo, cheio de nojo por sua miséria. "Arrasta-se às apalpadelas, às cegas, esbarra em suas próprias paredes, em seus próprios limites, fere-se, sente dor, sente dores demais — e ninguém sabe, porque ninguém jamais entrou dentro dele. Está só. Sozinho. Sempre prisioneiro de si mesmo. Ele próprio se guarda, dentro de si, fortemente aferrolhado." MICHEL QUOIST

hina-jain 122

XI

Sinceramente, desconheço qual o ^{rótulo} ~~qualificação~~ ou etiqueta que deva ser colada a mais este insistente estudo ou ensaio de análise acerca do sacerdócio católico e de sua significação humana e social.

O sacerdote é pessoa de prol. Melhor dito, realça-se ele entre as personalidades da cidade, entre os "notáveis" do lugar, entre as grandes figuras da localidade. Segundo o reconhecimento geral, o padre é um profundo conhecedor do mundo, um exímio analista da natureza e do coração humanos.

O padre possui um ^{nobre} ~~não~~ e grande coração — um coração invariavelmente voltado para as criaturas, perenemente impelido por notável amor ao próximo. E dele todos se aproximam, afetuosamente, porque os ensinamentos que de seus lábios jorram são dignos, cheios de pia e santa e objetiva sabedoria.

A presença do sacerdote, do ministro de Deus é mais do que necessária, mais que indispensável em a hodierna sociedade. Degenera-se mais e mais a sociedade dos humanos, torna-se a coletividade humana cada vez mais falsa, fraudulenta, mentirosa, irreligiosa, repleta de vícios, de paixões ruins, de perversidades, de aberrações selvagens.

Com efeito, a humanidade abandona, desgraçadamente, os retos e excelsos e salvadores caminhos da fé e da religião redentora, para entregar-se às piores loucures. Prefere levar uma existência sem Deus, indo de queda em queda, numa voragem existencial falsa, demoníaca.

Ninguém é mais estimado na cidade do que o padre. Todos gostam da companhia agradável e simpática do padre. O padre é homem puro, bondoso, esclarecido, alegre. Nele nada há de feio, pernicioso. Não desagrada ninguém. É, para todos, como uma estrela serena e boa, um seguro

guia de alma nobre e madura. Enfim, um bom pastor.

Todos experimentam uma sensação de segurança, de conforto sob a luz de suas palavras, de seus olhos sérios, tocados de espiritualidade e bondade. Vive o pároco carinhosamente preocupado com a boa sorte e o bem-estar do povo --- sobretudo do humilde "povo de Deus", gente pobre, mísera, fracassada.

Difícil é cumprir todas as regras do sacerdócio, é muito difícil ser um padre completo, mas a grande maioria deles o é, sem dúvida alguma. Muito raro é ver, entre eles, um carneiro negro. Muito tocante en effet é a vida deste ^{obscuro} herói da Igreja, deste très humble serviteur de Dieu, deste homem modesto mas de muitos e excelentes méritos.

Em verdade, quantos curas e párocos existem que são verdadeiros tesouros!...

O padre é excessivamente ocupado; tem, por isso mesmo, tempo para tudo. Mas seu tempo não pode ser desperdiçado, seu tempo é extremamente valioso.

O padre é um homem íntegro, inteiriço, sem divisões internas que o joguem contra si mesmo. Sua mente funciona como uma engrenagem de rodagens precisas, é uma razão que funciona ^{isenta} ~~isenta~~ de dúvidas e vacilações, não padece inquietações nem perplexidades metafísicas, e, "se os fatos contradizem sua concepção do mundo, fecha os olhos em desaprovção."

Contudo, não é um mero "autômato pontual", como homem comum, massificado. É uma individualidade criadora, livre. Não faz como o homem ordinário, o homo constantissimus, cujo maior idolo é o dinheiro, idolo que o homem-massa honra e reverencia com ilimitado respeito.

"A pessoa comum tem-se na conta de uma personalidade quando é apenas um espécime"; e, a despeito de sua insignificância, "julga-se o centro do universo."

O padre é absolutamente imprescindível para lutar contra a injustiça social. O oprimido "povo de Deus" precisa de sua defesa.

"Ter fome da justiça é como estar saciado", assim entendia ORIGINES, em Joann. XIII, 4. Doutrina com a qual concorda SANTO AGOSTINHO, na sua famosa e geralmente mal interpretada dissertação acerca da deleitação celestial. A deleitação da justiça, o prazer de sua defesa, dom de um cristão livre.

Uma sociedade justa é uma sociedade ditosa, no sentido cristão do termo.

"Pela liberdade, consegue-se o amor da justiça: pelo amor da justiça, o cumprimento da lei." SANTO AGOSTINHO, De perfectione Justitiae, IV, 9, 30 e 52.

O homem tende a expandir-se em ^{inclinações} ~~tendências~~ eficazes e generosas, frutifica em "frutos de justiça", visto que é o templo do Espírito Santo. Assim é, porque "Deus habita no homem e o homem habita em Deus", segundo SÃO JOÃO, Primeira Epistola, "Quem permanece em mim e Eu nele, produz muito fruto" --- Evangelho de SÃO JOÃO, XV, 5.

"Quem pratica a justiça é gerado por Deus." Primeira Epistola de SÃO JOÃO, II, 29. Exatamente como quem é injusto pertence ao demônio.

O injusto está nas fileiras do Príncipe deste mundo, batalha contra Deus, contra as forças da graça, que se irradiam do Coração do Rei dos Reis. O injusto é prisioneiro do Maligno, é separado de Deus.

Justiça - 2d

XII

Compuzemos mais este artigo a fim de dar continuidade ao nosso débil ensaio ou tentativa de compreensão do padre católico e sua fecunda atuação, assim nas áreas individuais como nas plagas sociais. Está bem visto, naturalmente, que esta crônica, exatamente como as demais que a precederam, não é mais que pálida sugestão, descorada idéia da grande beleza e admirável dignidade que ^{cercam nimbam} ~~xxxxx~~ ou ~~nimbam~~ a vida do sacerdote católico, cuja existência cristaliza ou condensa uma realidade humana palpitante e infinitamente superior à existência mediocre, desbotada do comum das criaturas mortais.

O pároco figura, com grande merecimento, entre os líderes municipais. Tudo se submete ao encanto, ao bonito ardor mesmo do padre jovem, mas comissionado por Deus para "fazer o bem sem saber a quem". Para ser a caridade viva, a caridade em pessoa.

O padre não se ordenou, não se fez padre unicamente para auferir um parco ou magro rendimento de fome, não sofre tanto no corpo e na alma para dar vezes a um impulso masoquista, por gosto de sofrer; não, o padre padece por puro amor ao próximo, não suporta a "dureza" do sacerdócio católico por esnobismo, simples exibição de força. Escutem isto, por favor: "É PRECISO TER DENTRO DE SI UMA GRANDE SANTIDADE E CERTEZA" para ser padre.

O padre é o amor, a charitas cristã personificada. E ama-nos com afeição que nunca se corrompe.

O padre é um ser humano bom e sensível. Ele sabe rir de coração, seu coração pulsa de viva amizade por todos nós, sem exceção. Sua presença anima-nos, reconforta-nos. "Ele sente e tem algo que é ainda muito melhor do que a bondade e a sensibilidade."

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

O padre é um belo espírito, honesto, compassivo e bom ---; é um sábio, sempre capaz de discernir entre proposições corretas e ~~erradas~~

sofismas. É realmente sincero em pensamentos e ações, o que o leva frequentemente a avizinhar-se da santidade.

O padre é sincero de coração, é capaz de sacrificar-se por sua fé.

A sinceridade é virtude fundamental. "A sinceridade é superior à graça", disse CARLYLE.

Ninguém existe com mais habilidade e sinceridade para estabelecer a justiça entre os homens.

O padre é puro e manso de intenções. Suporta, com paciência infinda, a insolência dos maus, a violência dos ímpios, a crueldade dos perversos. Os perversos são os eternos "acossados". "Fogem os perversos sem que ninguém os persiga" --- Livro dos Provérbios.

O padre é um portador de sua alegria, um mensageiro da jubilosa sua alegria." paz. "Quer ver as pessoas contentes e disso tira ~~ninguém~~

Saudamos, daqui, o nosso ~~hom~~ pároco, homem bom, probo e sábio, mestre do judicioso conselho, mestre do prudente aviso, exímio na palestra brilhante e iluminada.

Fogem dele além dos "acossados", dos amaldiçoados, os frívolos, os superficiais, os que só alimentam pensamentos palpitantes de bela vida, de "dolce vita", temperada de dor e pecado, de baixeza e humilhação. E temos, também, os mediocres...

Os mediocres ouvem-no com prazer e com inveja. Não lhe perdoam nem o brilho nem o encanto...

Os espíritos vulgares gastam longo tempo a criticar-lhe, acidentemente, o que eles chamam de "maçante e pomposo estilo de púlpito".

A vasta maioria dos seres humanos, infelizmente, parece ser refratária à vida cristã, ao amor do próximo, salvo em instantes, ah!

bem raros, bem esporádicos em que o espírito deles se mostram surpreendentemente receptivos às verdades religiosas. O sacerdote, invariavelmente, experimenta real, vivíssima compaixão pelos que sofrem, pelos seus irmãos e sente verdadeiro "amor universal", amor cósmico por toda a humanidade.

O padre é homem austero e brando ao mesmo tempo, temperado pela rude e penosa experiência de vida. Ama e protege os pobres e infelizes, porque, com os olhos da alma neles discerne as angústias e misérias terraneamente sofridas pelo próprio Cristo, quando entre nós esteve em peregrinação redentora.

Tudo o que diz ou faz o sacerdote é em nome de Deus. Disto claramente resulta um fato óbvio: devemos obedecê-lo sempre, de modo irrestrito. Disse o apóstolo PAULO em carta que dirigiu aos cristãos de Colossas, III, 17: "Qualquer coisa que digais ou faceis, seja sempre em nome do Senhor Jesus, dando graças por ele a Deus Pai."

Assim, obedecer ao padre é o mesmo que obedecer ao próprio Deus; tanto em palavras como em obras, o Pai fala ~~por~~ e age através dele. Quem nisto não crer não ~~pode~~ ostentar o belo e doce nome de cristão.

Como é que o padre representa Deus? É um mistério, coisa incompreensível aos humanos, tão insignificantes e mesquinhos. Disse TERTULIANO que o fato de os mistérios serem incompreensíveis prova que eles não são de origem humana.

Quem vive --- como o padre, ou o verdadeiro cristão --- sob o império da Fé, não nega nenhum mistério, nenhum dogma da Igreja. A Dúvida --- filosófica, sistemática, metódica ---, fora dos domínios da ciência, pode ser arma dos individualistas ferozes. "O império da Dúvida, outra coisa não é senão um dos mais secretos e, talvez, o mais perigoso meio de que se vale o Espírito do Mal, para perder a Humanidade." JORGE DEJEAN

Sob a influência, corrosiva, da Dúvida esboroa-se a fé, a fé que salva, a crença salvífica. A vasta ou maciça maioria dos entes humanos é descrente, vive sob o domínio da Dúvida pertinaz --- vive desviada de toda meditação salutar, deixa-se empolgar pelas solicitações ~~de uma luta feroz pela existência (struggle for life, como dizia o~~
de uma luta feroz pela existência (struggle for life, como dizia o

o velho DARWIN), luta intermina e de todos os instantes, sustentada para a salvaguarda de posições conquistadas, aparentemente esquecidos estes conquistadores de que a civilização material não tem nenhum valor e está destinada a sucumbir, a desmoronar-se e afundar-se em abismos tremendos.

docemente,
Viver ~~humanamente~~, saborear os prazeres da existência material ---
que coisa pungente, tão deprimente, tão a-spiritual!

"Aquele que saboreia com deleite o a que
chameis os bens deste mundo sempre se
furta, de mais em mais, ao espetáculo das
deformidades e das misérias humanas. Ao
envê de as minorar e aliviar, foge-lhes,
para que não o importunem essas pungentes
cenas." JORGE DEJEAN

O padre, à semelhança de um cristão fervoroso, esforça-se por
levar remédio aos doentes do corpo e da alma, por ajudar a todos, na
medida das suas possibilidades, sem visar nenhum premio, recompensa ou
gratidão. Apenas em matéria de fé, em questões de dogma o padre mostra
máxima intolerância. No mais, tolera, com benignidade, as opiniões dos
outros. (As opiniões alheias são meros "palpites", ruídos ociosos, incon-
sequentes, transitórios).

Uma das qualidades básicas do sacerdote é o senso da caridade,
considerada na sua mais alta concepção. Por coisa alguma do mundo vio-
laria o padre este mandamento divino, o segundo em importância, segundo
Cristo. O primeiro mandamento é "amar a Deus de todo o coração, de toda
a alma, de todo o entendimento" MATEUS, XXII, 37.

h-21-jan-24

XIII

Aqui estamos, novamente, a fim de ^{dar} ~~dar~~ continuidade às nossas digressões acerca do sacerdote católico, procurando transmitir aos benévolo leitores algumas noções elementares que só um tratamento jornalístico do tema pode propiciar.

Diremos, de comêço, que o padre é uma personalidade distinta, isto é, de suma distincção moral e muita vez também intelectual. É uma bela alma, uma alma de escolhido de Deus, alma de eleição, de escol; alma magnífica e que se consagra com extremo devotamento à sua missão, que é o cumprimento da vontade de Deus.

Para fazer a vontade do Pai, unicamente para isso, veio Cristo à terra, a este hediondo mundo, como ele próprio o declara. Não veio aqui para passear, para fazer uma viligiatura. Não veio para chamar os justos e sim os pecadores ao arrependimento." "Não busco a minha vontade, mas a vontade do Pai que me enviou." Evangelho Segundo SÃO JOÃO,

V, 30.

"Não são vários os meios de se honrar ao Senhor. Tudo se cifra em fazer o bem, em desempenhar a tarefa terrena com o máximo possível de consciência. Nenhuma prece, por mais sincera que seja, tem primazia sobre o cumprimento do dever. Contudo, a prece eleva, reconforta e protege, porque nos torna mais clarividentes e nos dá coragem para resistir à provação. Porém, acima de tudo, o que importa é o cumprimento da vontade divina. Revoltar-se contra suas determinações a criatura é trabalho perdido. Negar a sua justiça, a sua bondade, é desvario cujas consequências todos terão de sofrer."

JORGE DEJEAN

aliás,
O sacerdote --- como, ~~estes~~, todo verdadeiro cristão --- sabe que Deus provê a tudo. "O futuro a Deus pertence". Entrega nas mãos do

Senhor seu porvir, sua vida, seus poucos bens. Não se preocupa em ter amigos, embora seja amigo de todos; tudo concentra em Deus, encarregado de resolver os seus problemas. No que não se pode ^{nunca} deixar de pensar é no presente, é na própria salvação.

O padre é "manso e humilde de coração", seguindo, dessarte, o próprio exemplo de JESUS, seu divino modelo.

Suporta e cala, mesmo diante da hipocrisia, que é supremo pecado, o pecado contra o Espírito Santo, o pecado sem perdão. O próprio CROSTO enche-se de ira --- ira justa, santa, sagrada --- contra os fariseus hipócritas, blasfemos, dizendo-lhes: "Até quando vos suportarei (vos sofrerei), ó raça de víboras!" Chamava os fariseus de "serpentes, raça de incrédulos e perversos, blasfemadores contra o Espírito Santo. Evangelho Segundo SÃO MATEUS, XVII, 17; XXIII, 33.

Sofrer por sua fé, é um dos aspectos da vida do sacerdote. Caluniado, difamado, ofendido com alusões más, perversas, o foi tantas vezes o próprio fundador do cristianismo. JESUS foi, en effet, chamado de "bêbado, de comilão (glutão)", amigo de pecadores, companheiro de gente da rala, de marginais, prostitutas, vadios. Evangelho Segundo SÃO MATEUS, XI, 19. Idêntico em SÃO LUCAS, VII, 34:

O padre é o condutor do maior amor.

Mas qual é o maior amor? Disse JESUS:

"Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém ^a sua vida pelos seus amigos." Evangelho de SÃO JOÃO, XV, 12

Existe, entre o padre e o egoísta, uma oposição mais que diametral. Há, não só neste ~~mundu~~^{como} em outro mundo, seres que apenas amam a si mesmos, e outros ainda que ~~m~~ "procuram aperfeiçoar-se t^o só no plano intelectual, pouco se preocupando com os sofrimentos dos outros", todos os outros que, sem pesar, abandonam ou relegam à própria sorte.

Outros igualmente existem e proliferam, destituídos de qualquer objetivo na vida, desprovidos de qualquer ideal e que "se contentam com não experimentarem tormentos físicos". Estes "gozam, bem ou mal, uma existência realmente baça", fosca, em nada se importando com os seus irmãos sofredores.

O padre --- e bem assim todo genuíno cristão --- não vive

cuidadoso em acumular ou amontoar para si bens em abundância. "Guarda-se
da avareza." Não está ^{nunca} ~~nunca~~ "solicito pela comida, pela roupa, pelo gozo
do corpo". Não ajunta tesouros na terra e sim se preocupa em ser rico
perante Deus.

Sabe que seu fim --- o fim de sua existência --- está próximo,
é iminente, embora não seja traçado em algum aviso fantasmagórico es-
crito sobre a parede branca. Seu fim, nesta terra, virá de uma hora
para outra, sem aviso prévio muita vez. "Logo, esta noite te pedirão
a tua alma" --- e as tuas riquezas para quem serão? Evangelho Segundo
SÃO LUCAS, XII, 13: 22.

O padre é uma consciência iluminada pela
prece e pelo hábito do bem. É, a bem di-
zer, um ser exclusivamente feito para o
devotamento e a bondade.

Cristura privilegiada, temperada de paciente obstinação em su-
portar e calar, como há momentos dissemos. Aquele que estudar seu modo
de viver, com inteligência atenta, perceberá que o sacerdote "sofre,
sem murmurar (sem resmungos), os rigores do destino, aceita a sorte
adversa, sem um queixume, agradecendo mesmo ao Senhor o não ter sido
mais fortemente provado." Quão longe ou distante está, por conseguinte,
do egoísmo feroz daqueles que ^o ~~estadeiam~~ por aí, sem pudor, em mil cir-
cunstâncias e ocasiões...

O padre é um homem contido, disciplinado. Fortes disciplinas
interiores propõem-no para o sacrifício, "sacrifício que em verdade
lhe abrirá de par em par as portas da salvação."

Contudo, o sacerdote não permanece isolado, ilhado em sua pro-
funda generosidade de alma. "A prática de um culto, a fidelidade aos
dogmas, a observância dos ritos nada valem, se desacompanhadas de atos
de altruísmo, de pensamentos sinceros e de preocupação de espalhar o
bem ao seu redor." Apenas o falso crente se julga salvo, "apenas
porque cumpriu seus deveres religiosos e pediu perdão para suas fal-
tas."

O padre, ao errar, arrepende-se realmente. O orgulhoso sente
a dor do remorso mas não se arrepende nunca. Não se humilha, nem ~~parece~~
perante Deus. São tantos os que caminham para a morte, os que de fato

morrem, com o espirito pejado de remorsos, com a alma enlutada pela recordação de suas delinquências, mas sem se arrependarem...

O padre tem a grandeza de alma do arrependimento. É especialmente grande aos olhos de Deus aquele que se humilha diante dos humildes.

O padre é criatura que lembra-se de Deus a todo o momento. Ao contrário da maioria dos seres humanos, das pobres larvas humanas, com seu débil juízo terreno, temporal.

"O homem, por efeito da alta opinião que forma de si mesmo, se afasta de Deus, em quem as mais das vezes não pensa, senão nas horas tormentosas, para o acusar de injusto e indiferente à sua sorte." JORGE DEJEAN

O padre o que realmente intenta é ser um retrato vivo do Cristo. A imitatio Christi, eis o seu ideal mais íntimo. "Cristo é para Deus a face divina da humanidade", disse JEAN MOUROUX.

O cristianismo vê a Humanidade em cada homem. Todos a formar um só homem. É o que disse, acertadamente JEAN MOUROUX: "A Humanidade se desenvolve por meio das pessoas, e esse desenvolvimento só se verifica pela comunicação de uns com outros. Em consequência de sua comunhão na espécie, os homens formam um só homem --- omnes homines unus homo."

h=ia-jan 2ul

XIV

Este é mais um e, talvez, não o derradeiro de uma descosida série de artigos que me propôs dominicalmente publicar neste brioso e denodado semanário de MARQUES JUNIOR, bordando pálidas mas sinceras reflexões em torno dessa figura impar, marcante de nossa sociedade, que é o padre, o sacerdote católico, legítimo representante e voz de Deus na Cidade dos Homens.

Vive o padre em perfeita união com Deus. Ele e o Pai formam um só ser, como o esposo e esposa. Vida semelhante a do próprio Cristo, que disse: "Eu e o Pai somos um." "O Pai está em mim e eu nele." Evangelho Segundo SMO JOÃO, X, 30 e 38.

O padre raramente fala ou ensina de ciência própria, pois as mais das vezes ou quase sempre diz ou age inspirado por Deus. Ele é a mão e a voz do Senhor.

É preciso pensar muito antes de desobedecer ao padre, pois isto é o mesmo que desobedecer a Deus!

Mão íntima é a união do padre com Deus que passa a querer o que o próprio Deus quer: o Bem.

Brilha o sacerdote na comunidade humana, pela sua bondade, pelo seu encanto pessoal, muita vez pela sua inteligência e cultura. Ele é, na verdade, uma criatura de escol, uma figura com autênticos toques carlyleanos, com matizes de um "representative-man", no sentido emersoniano da expressão.

Ter o Cristo como modelo, entendem alguns que é exagero dizer a respeito da existência profundamente ~~cristã~~^{cristão} do padre. Contudo, je vous assure, a vida do famoso cura d'Ars pode servir de exemplo ou de perpétuo modelo para todos os sacerdotes do mundo.

- 2 -
sacerdote

O equilíbrio, a tranquilidade ou estabilidade do ~~sacerdote~~ re-
presentam constante triunfo sobre as investidas de Satⁿ. O Príncipe das
trevas assanha-se, continuamente, contra todo aquele que ousa desafiar-
lhe os poderes infernais. O arcanjo das forças tenebrosas, il Demonio,
jamaiz deixou de estar firmemente convencido de que lhe será fácil con-
seguir arrastar os homens para o mal, explorar as paixões humanas e im-
pedir-lhes o reerguimento moral, a regeneração da humanidade.

O padre vence, penosamente, todas as tentações do Maligno e
encara, com viril entusiasmo, sua espinhosa missão. Ele a tudo arrosta
porquanto, en effet, tem um "sentimento de fé profunda, que vale mais
do que todas as certezas matemáticas."

A nobreza e a beleza da carreira
eclesiástica são coisas que sempre
solicitam a atenção dos homens. Tan-
ta coisa propicia ou oferece o padre
despedutor ao ente humano.

Diafanamente se vê que o sacerdote tem muito de herói, de már-
tir obscuro... Sua fé, mau grado ser intensa, está sujeita a sofrer
períodos de aridez. Atravessa aquela penosa fase chamada de "noite es-
cura da alma" por S^{to} JOÃO DA CRUZ, grande místico cristão, dos maiores
da Igreja.

"Possui a fé uma clareza tal que lembra a força incomparável
de amor." No entanto, malgrado seja muito pura, a fé pode
conter elementos impuros, um "sedimento natural" muito es-
pesso, devendo passar pelo cadinho da obscuridade, da ansie-
dade e da aridez. Horas sem luz, sem apoio, sem calor. Expe-
rimentam-nas todos os cristãos. E como é terrível o seu pé-
so! JEAN MOURoux, "A Vocação Cristã do Homem"

Horas de aridez, tão conhecida dos místicos e dos cristãos
verdadeiros, conforme nos mostra o Pe. GARRIGOU-LAGRANGE, em seu ex-
celente ensaio L'Amour de Dieu et la croix de Jésus. Neste estado de
angústia e desolação o crente se vê x nu diante de Deus, nu e desampa-
rado:

"De repente o amor, tão simples e despojado, parece ter desaparecido. O cristão se encontra só e isolado para enfrentar --- inexorável como um pico dos Alpes --- o maciço dos mandamentos de Deus."

"Para as grandes almas, com efeito, chega uma hora em que devem amar a Deus na noite, na angústia e na desolação. Continuam sendo impuras, imperfeitas e miseráveis; por isso a caridade divina as abraça para purificá-las e consumi-las. Como dizia SÃO JOÃO DA CRUZ: Nesta disposição a chama da caridade não é amável mas esquivia; não é clara, mas obscura; não é suave, mas penosa; não é delectável, mas árida; não é confortante e pacífica, mas consumidora e mortífera. (ext. de "Chama de amor viva", Estrofe, I, 4). JEAN MOURoux, op. cit.

Este doloroso estado de espírito cristão e místico representa ou é, de fato, "uma provação terrível, em virtude da qual a alma se une à agonia de Cristo, se configura com o Amor crucificado, torna-se santa para Deus, terrível para o demônio, capaz de sacrificar tudo pelo Senhor." JEAN MOURoux, op. cit.

O padre é uma representação viva do cristianismo, e cristianismo é a doutrina do amor ao próximo. "No Cristianismo, amor de Deus significa necessariamente amor do próximo. O segundo mandamento, semelhante ao primeiro, é: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo." Mandamento novo e próprio do Cristo, de que é o modelo, o princípio eficaz e a razão última. Mandamento em que a Lei encontra a sua perfeição e que o Novo Testamento põe em relevo em toda circunstância, sob todas as formas e com uma força extrema. O amor ao próximo é, portanto, ato de obediência essencial rigorosa e sem reserva" (manda absolutamente e sem condição, como o dever). "Quem diz que ama a Deus e não ama a seu irmão, é mentiroso" --- Primeira Epístola de João, Iv, 20. JEAN MOURoux, op. cit.

A existência do padre é uma prova consoladora de que o homem é mais espírito do que corpo. "Quando o espírito aparece, faz sentir o seu domínio." O homem, é verdade, "pertence ao ^{mundo} ~~externo~~ em razão do

corpo, mas somente para inserir neste mundo uma grandeza desconhecida e uma dignidade real. O homem é, com efeito, o milagre do mundo, porque nele se realiza a epifania do espirito." JEAN MOUROUX, op. cit.

Libertar-se do corpo, emancipar-se dos apetites da matéria --- surdos, continuos, insistentes --- tal é um dos grandes objetivos do padre, do cristão em geral. É legítimo, vous savez, a quantidade de crentes ou fiéis vivos e inteligentes mas prejudicados por viverem sob o dominio do corpo, sob o império do mais compacto e acirrado egoismo.

Impressão 24

A verdade, então, permanece escrava do orgulho. "Cai na ignorância que conduz à idolatria, pois é preciso sempre adorar alguma coisa. Obscuridade, inércia e tendência a negar-se, dão juntas uma idéia da ferida de ignorância de que fala a boa e sã Teologia, e da inclinação pagã que existe em toda inteligência humana." JEAN MOUROUX

Nestas tristes condições, é fácil compreender que a inteligência pode cair nas divagações que criam um Deus panteísta, um deísmo filosófico e abstrato, como o dos iluministas e enciclopedistas franceses do século XVIII. "Tratando a Deus como um objeto abstrato, impessoal, sem interesse ou francamente incômodo, a inteligência pode formar idéias errôneas sobre Deus, cai em erros aceitos, inculcados e difundidos socialmente em povos inteiros, entregues ao erro e à ignorância." O Deus dos filósofos é uma criação desta corrente de idéias. JEAN MOUROUX

A ferida de malícia de que nos fala a Teologia ("uma espécie de inclinação da vontade para o mal"), e o pecado, "sua dolorosa debilidade diante do bem", sua imensa fraqueza e vergonhosa capitulação em face da tentação, afastam o homem da verdadeira fé. O pecado, a ansia dolorosa de prazer torna o homem um ser decaído, moralmente incapaz; enfim, subtrai-lhe o estado de graça.

A falta da graça torna o homem escravo do pecado. O sofrimento é o salário do pecado. O pecado, chaga que nos devora como um mal secreto, asqueroso. O rosto do pecado pode ser visto e seguido nas linhas de uma fisionomia dolorosa e sulcada de rugas; o rosto do pecador é talhado pela angústia, devastado pela dor, envelhecido, fanado, encarquilhado, mostrando, tristemente, pungentemente, os traços da velhice feia, decrepita, objeta, hedionda. O pecador dá a viva impressão de ser como um fruto contaminado, interiormente bichado, podre, roído por um verme cruel, implacável. Segundo a palavra da Antiga Escritura, o pecador é um imundo, um "saco de podridão", um "vaso de iniquidade", um "odre de torpeza". Consoante ISAIAS, grande profeta de Israel, dentro do homem pecador só há podridão, inchacos, chagas purulentas, carnes fedorentas...

Revela o pecado, no fim de contas, todo o imenso tormento de existir sem Deus.

Certos ensinamentos ou pregações do padre ~~Quinn~~ são de molde a tocar-nos fundo na sensibilidade moral, a bem dizer "picam como agulhas as consciências mais sensíveis". São predicacões religiosas que perturbam sobretudo o ímpio, o vilão, que vive com motivações egoístas, que é covarde, desonrado por dentro, interiormente feio, repulsivo, mortalmente antipático, tipo flácido, indisciplinado e que não resiste a nenhuma das tentações do Maligno.

Por outro lado, a fé também parece atingir fundo "as pessoas solitárias, que perambulam famintas de algo, embora não saibam precisamente de quê." São "almas solitárias e desesperadas, decepcionadas com a vida e inclinadas para o sofrimento e a morte." A felicidade, a vida desenganam estas criaturas complexas, pelo que estão sempre prontas para encetar uma busca no sentido oposto, onde possam e pensam encontrar melhor sorte."

Contudo, não misturemos olhos com bugalhos: o padre exerce uma atividade radicalmente diversa da do político profissional. Uma considerável distância separa o sacerdote do político de profissão, porque este geralmente só ajuda a coletividade por interesse pessoal. O egoísmo, o interesse privado, vous comprenez, constitui a mola que impele o político em todas as direções. Dai o ser a política um lodaçal horrendo, do qual fogem todas as pessoas bem intencionadas ou de decência e consciência limpa.

"A política, essa Messalina..." --- disse o nosso injustamente esquecido HERCULANO DE FREITAS. Cem mil políticos não valem um só ou único estadista. "Enorme, com efeito, é o número dos políticos sem consciência, nem talento. Os que não carecem totalmente de inteligência não tardam a perceber que se agitam num lodaçal horrendo; mas, o interesse pessoal os conserva chafurdados nele, mau grado a secreta repugnância que experimentam." JEAN DEJEAN.

"Ninguém pensa em contestar que no mundo político há personalidades distintas, que cuidam, acima de tudo, de trabalhar pelo desenvolvimento social. Desgraçadamente, porém, essas personalidades constituem uma minoria ínfima. Aliás, o modo por que procede o povo, quando elege os seus representantes, não é de natureza a permitir a mínima esperança de qualquer melhora pelo sistema eletivo." JORGE DEJEAN

Políticos, via de regra, são "tirados da mediocridade por um escrutínio favorável, criam para si uma situação invejada, exercem uma influência nem sempre equitativa e salutar." Longos anos vivem nessa falsa situação de hipocrisia e mentira.

Não é raro tornarem-se ilustres personagens epocais, recebendo, ao morrerem, vivas manifestações de apreço, estátuas e bustos em praça pública. Isto, porém, é comédia, intrujice. "Podem os féretros, carregados de coroas, desfilar pelas avenidas, podem os Te-Deum retumbar nas naves das catedrais, podem os representantes do mundo oficial inclinar-se reverentes diante dos atitudes solenes; o olhar de Deus procura de preferência aquele que morreu isolado, depois de ter vivido honestamente." JORGE DEJEAN

É preciso, dessarte, "não se deixar fascinar pelo espetáculo dos funerais imponentes, pelas honrarias prestadas muito a medos nos que já não tinham mais honra; devemos, sim, é atentar não em pompas e apertados mas nos que viveram com sinceridade e humildade. Os outros, "mergulham nas trevas da morte depois de levarem uma vida de opróbrios e perversidades.

"É nos lugares onde se sofre, onde se morre no desespero e no isolamento, que vos achais em presença dessas almas de eleição, que não buscam recompensa, nem gratidão e cuja vida inteira se pode sintetizar com estas palavras: dação de si mesmos e sacrifício." JORGE DEJEAN

Esta alma eleita é a do sacerdote — homem ou religioso obnegado que não trabalha para si. Quem trabalha para si trabalha para o nada, trabalha para o vento. "Se eu me glorifico a mim mesmo, a minha glória é nada." Evangelho Segundo SÃO JOÃO, VIII, 54.

Esta é a puríssima verdade, não um elegante jeu de mots. A verdade que salva, que liberta.

Manoel de

XVI

Qualquer leigo ou profano é capaz de enxergar ou perceber que o padre é um santo homem de crítica ou análise perspicacíssima; num simples relancear de olhos consegue desmascarar o ímpio, o incrêdo, esse "saco de impureza", esse "monte de imundície", esse "vaso de podridão", esse ser que é só iniquidade, ~~torpeza,~~ ^{inchaços}, chagas purulentas, como disse ISAÍAS, grande profeta de Israel. Teme-o o sem fé, o incrédulo, porque ele bem depressa ^{descobre} o mentiroso, é ^{rápido} veloz no discernir o que está veladamente podre, ^{na descoberta} do que está corrompido até ^{aos} ossos.

O sacerdote conhece todas as taras e vícios do "inferno mundano", as ruins paixões ocultas dos ociosos endinheirados, as consciências deterioradas dos chamados "cultivados" ou "refinados"; ele mostra, exhibe, põe a nu os sacos de pus que são certas mentes humanas, a perda do senso moral, o delicado manto exterior que ^{por dentro} ~~indiscretamente~~ pode estar roto, caindo aos pedaços.

O sacerdote sabe que criaturas belas, formosas fisicamente, podem estar secretamente rachadas, trincadas, apodrecidas. Ele não ignora esta triste realidade: o homem, "secretamente ressequido pelo mal e a mentira", senil, "bebe a iniquidade como fosse água", com naturalidade. Esse "eu despido", nu, de maioria é "pura insignificância". Homens e mulheres têm a alma "na epiderme", na frase, felicíssima, de PAUL VALÉRY. Não possuem bens, estes é que os possuem.

Mostra o padre, por gosto, por vocação, por profissão, "o nada da vida mundana", com seus amores frios, vazios, epidérmicos, mecânicos --- adúlteros. É cômica a "ronda da beleza", é triste a "comédia da beleza": a mulher, para ser mulher no ambiente mundano, precisa ser fisicamente bonita, atraente, excitante objeto sexual.

Mas o drama da mulher é que "elas atraem os homens e depois não conseguem suportá-los". KARIN BOYE

Homens e mulheres amam-se com amor romântico, que é baseado no instinto sexual, que é chama passageira, efêmera.

O amor que de tal gente dimana é "infernal" --- sulfurino, a esconder toda a hediondez do abismo de Satanás, todo o horror alucinante do império de Lúcifer.

Por baixo das feições juvenis, da criatura bela, linda, doce, delicada, seráfica, angelical oculta-se um rosto torpe, ressequido, uma máscara devastada, talhada de rugas, face velha, vulgar, má; em certas ocasiões, tal e tão hedionda máscara se desvenda, surpreendendo a todos: "como um abcesso que rebenta e projeta um jato de pus, a pessoa que a possui grita a sua rebeldia e o seu ódio".

É o odioso apêgo ao pecado, ao vício, à torpeza física e moral. O homem sem amor, isto é, o "abominável boneco", como dizia PAUL CLAUDEL, eis o pecador obstinado, impenitente. Quem vive sem amor vive no Inferno, pois a definição do Inferno é exatamente esta: lugar sem amor, ~~perpétua privação~~ "a perpétua privação do amor".

Nos corações dos heróis mundanos não há amor; há, isto sim, apêgos demoníacos, paixões satânicas, "infusórios que ferveilham", no expressivo dizer de HENRY JAMES.

Na gente mundana a mentira e o egoísmo se convertem numa segunda natureza. Parecem males constitucionais e orgânicos. O verdadeiro nome desse egoísmo é "egotismo abismal que faz seu possuidor mirrar arquejando sobre os seus montes de ouro". Esta é a frase famosa de PUSCHKIN, na Lenda do rei Kotchei.

Egotismo diabólico ou estado tão pernicioso de miséria íntima, que faz seu possuidor "murchar, envelhecer, morrer no cenário mundano que o cerca". "Como NESSUS, os egotistas são devorados pelas suas túnicas pomposas, seu ouro...", suas paixões mesquinhas; "aferrados ao seu nada, desaparecem na morte..." "Não possuem as casas (mansões, palacetes, apartamentos enormes e de luxo), os objetos de arte, as amantes; são possuídos, sugados por elas."

A beleza mundana não tem nada por dentro, é um nada feito de apêgo aos sentidos. Esse nada é interior e é produzido pela mentira, pelo egotismo essencial. Esse nada engendra a morte da alma. Tanto o homem como a mulher do mundo são espiritualmente mortos. Com o correr do tempo tornam-se, apenas, muito parecidos a seres humanos.

Seres, de tal forma isentos ou privados de qualquer nesga ou resquício de espiritualidade, e que só "respirem um ar envenenado", não podem falar de Deus, nomeá-lo, invocá-lo, acreditar que Ele exista, orar, rezar-lhe. A sensualidade, o ar podre das buates, das reuniões, das festas e festinhas, dos almoços e jantares... gera o "ateísmo mundano".

"A sensualidade prepara o leito da descrença" --- disse JULIEN GREEN.

A mentira e o egotismo, que imperam nas sociedades ditas refinadas, "são tanto mais graves e sonsos quanto se dissimulam sob as aparências da civilização mais fina. O mal imita o bom. Até os melhores se deixam enganar --- menos o padre católico, dotado de olho que realmente sabe observar as coisas da mundanidade, sutil conjunto caótico de costumes e de tantas outras coisas quem nem imaginar se pode, referentes a voltas e mais voltas na espiral do inferno mundano. Inferno ^{seus} tão admiravelmente descrito por MARCEL PROUST, em ~~seus~~ geniais e importantes romances...

Luiz-Jão IDH

DEUS me livre e guarde de eu um dia abrir o bico para falar mal ou dizer falsidades a respeito de um digno e santo representante de Cristo na terra, isto é, de um padre ou ministro religioso.

Devemos reconhecer, no entanto, que existem os que não se atemorizam em lançar contumélia contra o padre, contra aquele cuja voz é a voz do próprio Deus.

Sim, sem dúvida alguma, estes contumeliosos inspirados por il Demonio, pelo Príncipe das trevas, ao qual o mundo foi dado como província para administrar ou governar. É tanta a ansiedade, a depressão e consequente agressividade que o vigário de Cristo causa que mentes vis, espíritos obliquos, almas danadas não se contêm em si e saem por si a denegrir, tentenciosamente, o inocente, procurando meios e modos de justificar seus tenebrosos intentos, tentando convencer o bispo ou o arcebispo a aplicar ao justo a temível e temida SUSPENSÃO DE ORDENS — a mais grave punição específica para um pároco ou vigário de paróquia.

O salafário inimigo do sacerdote afadiga-se em juntar depoimentos, em documentar fartamente, em colecionar fatos, em reunir provas de desrespeitos às normas da diocese e da arquidiocese, como indevidas imiscuições na vida político-partidária e quejandas faltas procedimentais.

Falta gravíssima é a quebra, pelo sacerdote, do segredo do confessional, considerado inviolável pela lei civil e pelo direito canônico.

Se alguém contar (revelar) toda ou parte de sua vida íntima a uma pessoa poderá, mais tarde, correr o sério risco ou perigo de percorrer a rua da amargura, se quem conhece o seu segredo vier a tornar-se seu inimigo ou tiver qualquer interesse em divulgar o que sabe. Já isto não ocorre nunca, ou não deve ocorrer, quando tal segredo íntimo é confiado a um padre; porque o conhecimento de sua intimidade o padre só o usa para ajudar você e não prejudicar. Desta sorte, bem burro é quem

tem medo de contar ao padre os seus pecados, os seus erros, a sua intimidade suja, a pocilga onde dormita o porco que há dentro de todos nós. A imundície interior deve ser aliçada, e no confessional há o que se chama "catharsis", purificação, a mesma que se procura obter no divã do psicanalista, mediante o pagamento de altos preços.

Cabe, agora, fazer-se a singular pergunta:

O PADRE É UM PECADOR?

Pode o padre pecar?

Sim, pode — sem que as prerrogativas de seu ministério se eclipssem, desapareçam, sejam infirmadas por sua má conduta privada ou social.

Esta é doutrina sã, boa, aprovada pela Igreja

A compaixão que o padre exerce é a própria compaixão de Deus.

O padre representa Deus; tudo o que ele faz ou diz reflete a pessoa ou a vontade do representado. Em outra ordem, um deputado representa o povo, um advogado representa o cliente, o tutor representa o pupilo ou tutelado, and so one. No caso do padre atravessamos uma fronteira espiritual; "a piedade do sacerdote pelos homens ultrapassa o plano da simples piedade humana; esta compaixão é já um reflexo de Deus." CHARLES MOELLER, abade e professor em Louvain.

"Ainda que todos os sacerdotes fossem covardes, bobedos, cúpidos, isso nada alteraria, porque eles sempre poderão dar Deus aos homens." GRAHAM GREENE, Power and Glory

Nesta ordem de idéias, é exato, é correto dizer que Deus "aceita o risco de ser dado aos homens por pecadores?" Sim, é possível sustentar que Deus "consente em fazer depender a sua presença eucarística da garrafa de vinho que um vigário esvazia em meio a risos de moço-fa."

Isto é perfeitamente possível. O padre pode secar suas garrafas de vinho e de outras bebidas ~~xxixi~~ espirituosas, sem deixar de

vicariamente representar Deus.

"Deus entregou-se de tal modo aos
homens que consente em ver assim hu-
milhado o seu poder."

"Quando o padre vê esvaziar-se a única garrafa de vinho que
possui, a única que lhe permitirá ainda dizer missa naquela
terra prometida à morte de Deus, seu coração e também os
nossos corações, congemem-se, pois compreendemos que nesse
minuto Deus morre uma vez mais pelos pecadores". CHARLES
MOELLER

"Cristo estará em agonia até ao
fim do mundo; a paixão continua
na Igreja." CHARLES MOELLER

Um sacerdote culpado, pecador não pode ser perseguido na mesma
linha de perseguição que a sociedade desencadeia contra um saltador
de beira de estrada. As culpas ou transgressões, em ambos os casos ---
o padre de maus costumes, vicioso, e o ladrão procurado pela polícia
--- são diferentes; pensemos, apenas, no ~~xx~~ "et cum iniquis reputatus
est," "ele contou com os ímpios"--- que palpita ou crispa expressiva
passagem da Bíblia.

"Não nos iludamos: o sacerdote é uma
imagem de Cristo entre nós." CHAR-
LES MOELLER

Vicioso ou não, de má ou boa conduta, o padre é "imagem de
Cristo entre nós".

Imensa é a humildade de Deus! Humildade abismal, "escandalosa".
Humildade verdadeira. "E quanto poder também, em meio à fraqueza, pois
que

uma só palavra, ainda que saído da
boca de um padre pecador, desata a
imensa torrente do perdão divino."
CHARLES MOELLER

O admirável romance "Tuissance et Gloire" de GRAHAM GREENE, romancista católico, mostra a sobrenatural força e o mistério maravilhoso de Deus crucificado, que o padre administra através do sacramento da Eucaristia. Este inefável sacramento fez-nos conhecer estouta inefável revelação: um Deus misteriosamente "escondido num pouco de pão e num pouco de vinho..."

Este Deus pode ser dado por sacerdotes culpados, pecadores. Nada há de estupefaciente nisto.

"Sem a Cruz não seríamos nada."

Este romance de GRAHAM GREENE é, do ponto de vista da fé, o seu maior livro, ~~lixo~~ escreveu CHARLES MOELLER.

Há sacerdotes pecadores, que, não podendo suportar a solidão, cedem ao alcoolismo. Por isso, podem tornar-se "acossados". "Podem obcecar-se por pecados mortais; podem tornar-se incapazes de um ato de contrição perfeita", por efeito dessas mesmas obsessões. Podem, igualmente, "relutar a encontrar (adiam, indefinidamente) um outro sacerdote católico e confessarem-se".

Podem ou não sentirem-se paralisados de ^{vergonha} ~~vergonha~~ pelo que faz
--- GRAHAM GREENE, em seu romance, descreve o seu padre pecador como "um farrapo humano que se arrasta de aldeia em aldeia."

Todavia, bêbado ou não, todo padre é um "anjo de piedade", um representante vivo do Todo-Poderoso e do Todo-Misericordioso. Não há negar isto.

Impõem-se, agora, as conclusões: A sociedade (policia, instrumento de repressão social) não tem o direito de perseguir este "homem acossado" e sim somente Deus. Com efeito, a própria consciência do padre culpado, isto é, Deus, o acossa e lhe pede contas, sem cessar, não se cansa de chamá-lo, convertend~~o~~^o seu destino numa vocação. A implacável punção de Deus em sua consciência convence-o da certeza da sua condenação.

Os designios de Deus são misteriosos, impenetráveis. "Uma vida perdida, moralmente e cristãmente, conforme o julgamento dos homens, pode revelar-se

habitada pela presença de Deus. Não só a desgraça está misteriosamente penetrada pela presença de Deus, mas também o pecador (não quero dizer o peccado). CHARLES MOELLER

NOTA: CHARLES MOELLER, aqui seguidamente citado, é autor da obra, em seis volumes, "Literatura do Século XX e Cristianismo", traduzida por Augusto Sousa, publicada pela Ed. Flamboyant, S.Paulo, com nihil obstat de 31 de Janeiro de 1958, assinado por Mons. José Lafauete Alves, com o Imprimatur, de S.Paulo, da mesma data supra, assinado por ~~Rex~~ Rollim Loureiro, Bispor Auxiliar. ~~Augusto Sousa em questão~~ Trata-se de "obra capital do pensamento cristão contemporâneo", seguindo fielmente boa e sã teologia, como se ensina na Lovaina, onde o autor leciona.

Reinjan S.L.